

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
data _____/_____/_____
cod. G&D00060

PRIMEIRO ENCONTRO DE PRODUTORES INDÍGENAS DO AMAZONAS

MANAUS
23 - 29 DE OUTUBRO DE 2001

COORDENAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES INDÍGENAS DA AMAZÔNIA BRASILEIRA
COIAB
CENTRO INDÍGENA DE PRODUÇÃO E CULTURA

Realização:

**Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira -
COIAB - Centro Indígena de Produção e Cultura**

Apoio Financeiro:

**Ministério do Meio Ambiente - PDPI
CAFOD - Inglaterra
Fundação Ford - Estados Unidos**

***Agradecimentos: Dr. Jaques Schiltknecht, cujo apoio ajudou a
concretizar a realização desse encontro***

Conteúdo

1. Apresentação e antecedentes do encontro
2. Abertura e apresentação dos participantes
3. Economia - Presente, Passado, Futuro
4. O mercado justo e economias alternativas
5. O Centro Indígena de Produção e Cultura
6. Políticas Públicas e desenvolvimento sustentável
7. Manejo dos recursos naturais
8. Avaliação e encaminhamentos
9. Anexo

1.0

1.1 Apresentação

O Primeiro Encontro de Produtores Indígenas do Amazonas é promovido pela COIAB através do "Centro Indígena de Produção e Cultura". Reuniram produtores e lideranças indígenas do Amazonas para discutir e deliberar sobre a questão econômica de suas áreas. Convidados especiais dos diversos estados Amazônicos, compartilharam suas iniciativas inovadoras contribuindo para um rico intercâmbio de experiências.

O encontro representa um passo significativo para a definição das linhas e metas para o desenvolvimento de alternativas econômicas dos povos indígenas. Foi uma oportunidade importante para concretizar o "Centro Indígena de Produção e Cultura" - agora nomeado Yakinõ, definindo a forma de sua futura organização e elaborando um plano de trabalho que responde às diversas realidades dos povos indígenas.

1.2 Antecedentes do Encontro

Desde a sua criação, a COIAB assumiu a questão econômica nas áreas indígenas como prioridade inserida em seu Estatuto Social, sendo necessário para tal priorizar a luta pela demarcação das terras indígenas, bandeira de luta da COIAB e das organizações indígenas e indigenistas durante a última década. Houve grandes avanços, contudo, as terras demarcadas continuam sofrendo pressões por parte das frentes pioneiras de extrativismo, em busca de matéria prima. Permanece o desafio para os povos indígenas proteger seus territórios tradicionais de onde extraem os seus sustento e procuram novas formas de estabelecer uma relação econômica com a sociedade envolvente, na perspectiva de adquirir objetos industrializados de primeira necessidade.

Dessa forma, foram surgindo diversas experiências no campo da economia alternativa assumidas pelas próprias comunidades ou organizações membros da COIAB, contudo de modo ainda isoladas e com efetivas dificuldades de articulação. A COIAB, na qualidade de 'coordenação' cumpre o papel importante de dinamizar e ampliar essas iniciativas, promovendo intercâmbios entre as experiências em andamento. Assim, a idéia de um projeto permanente foi tomando forma a partir dessas experiências positivas e das discussões com as organizações locais, com os produtores, os artesãos, as associações de mulheres, etc.

A concretização desse processo iniciou-se com a formulação do "Projeto do Centro Indígena de Produção e Cultura", durante a reunião do Conselho da COIAB em Dezembro de 1998. Com o apoio financeiro da "Rede para Mudança Social" da Inglaterra e "Bilance", foi possível dar início às atividades do Centro, formando uma equipe indígena permanente de execução com o apoio de assessorias específicas, tendo sido possível ainda alugar um local para servir de sede administrativa do Centro e de espaço de comercialização e divulgação dos produtos indígenas. Diversas viagens de articulação com os produtores e organizações indígenas foram realizadas, assim como pesquisas de mercado e levantamentos de campo visando o melhor conhecimento das potencialidades econômicas existentes nas áreas indígenas. Com a aprovação do apoio da Fundação Ford em Junho de 2000, as perspectivas para o projeto ampliaram-se. O Primeiro Encontro dos Produtores Indígenas serve para o próximo passo para junto com os produtores, detalhar e concretizar a implantação do Centro, discutir as perspectivas de apoio do PDPI e definir o caminho para o desenvolvimento econômico sustentável dos povos indígenas.

reconhecimento de nossa cultura e a valorização de nossa produção. Por isso precisamos nos qualificar, na teoria e na prática. E para isso, precisamos ter os mecanismos que nos dêem condições de produzir e vender nossos produtos. Para nossos filhos, queremos autonomia, na educação, saúde e o desenvolvimento econômico sem danos à natureza. Isso nós vamos conseguir através de nossa capacitação e nosso conhecimento científico de políticas agrícolas, sempre afirmando nossos valores tradicionais milenares. Um exemplo disso é o projeto em Parintins de resgate à língua materna Sateré-Mawé e uma oficina de arte indígena.

Grupo 3

Rio Madeira

Povo Mura, Tenharin, Djiahoi, Karajá.

Nossos antepassados precisavam principalmente de utensílios para poder caçar, pescar, trocando produtos para outras coisas que necessitavam. Com a chegada dos brancos, nossos antepassados tiveram revolta por desrespeitarem suas formas de vida. Os brancos queriam tomar suas terras e suas riquezas, ainda escravizar a fim de utilizar sua mão-de-obra. Trouxeram doenças, vícios, utensílios e religião. Agora para viver bem precisamos de saúde, educação e formação. Para conseguir essas coisas era importante uma pesquisa de mercado para a compra e divulgação de nossos produtos, com um preço justo. Queremos para nossos filhos, boa saúde, educação, preservação da natureza, reflorestamento, remanejamento de madeiras e produção em geral. Conseguiremos isso trabalhando e lutando por esses objetivos.

Grupo 4

Alto e Médio Rio Negro. Povo Tucano, Baré, Baniwa.

Economia e os Povos Indígenas

Passado/Presente/Futuro

Passado - A economia dos antepassados era diferente. Dividiam sua alimentação entre si, faziam troca entre os povos diferentes, por exemplo; a tribo Tariano sabia fazer canoa e não sabia fazer ralo. Por isso trocavam os ralos com os Baniwas;

Presente - Contato com os brancos, começaram a sentir necessidade de dinheiro para ter as coisas. Começou a exploração da mão-de-obra barata e a desvalorização de nossos produtos enquanto os bens e mercadoria ficam muito cara, de forma geral, a discriminação no meio social.

Propostas: Para a nossa economia, precisamos aperfeiçoar o produto cada vez mais, procurando fazer intercâmbio com outros órgãos ou instituições. Para isso é preciso de uma estrutura física, técnicas atualizadas e de ter um local de escoamento dos nossos produtos.

Futuro - Continuar mantendo a cultura, preservando o meio ambiente, conservando e mantendo a matéria-prima, resgatando a língua e danças e fazendo projetos para adquirir recursos financeiros para apoiar essas atividades.

2.0

1º Dia, 23 de Outubro 2000

2.1 Abertura do Encontro e Espaço Cultural

O I Encontro de Produtores Indígenas do Amazonas foi aberto pelo Coordenador Geral da COIAB, Euclides Macuxi que apresentou os elementos importantes a serem discutidos:

- As alternativas para o desenvolvimento sustentável das comunidades indígenas
- A busca de créditos junto ao Governo e a FUNAI
- A criação de mecanismos para possibilitar que a Comunidade Indígena venda seus produtos

Em seguida, o Sr. Cláudio Pereira apresentou os coordenadores responsáveis pela organização do encontro; Ismael Tariano, Rosa Fonseca, Ageu Sateré e Nicole Freris.

O coordenador de projetos PDPI, Gerson Luciano, frisou a importância do encontro sintetizando suas principais preocupações:

1. Cada povo deve mapear suas experiências e iniciativas, apresentando os avanços e as dificuldades para depois elaborar suas propostas;
2. A importância de procurar conhecer as idéias do Governo que disponibiliza recursos e apoio para projetos nessa área assim como o PDPI;
3. A publicação das idéias e experiências em livros ou cartilhas para ajudar a divulgar e multiplicar essas experiências, criando um acervo de referência para a sociedade

A primeira noite do Encontro foi finalizada com o ritual do fumo de Gabriel Gentil - Tukano.

2.2 Apresentações dos participantes

Coordenação da COIAB

Nome	Povo	Função
Euclides Pereira	Macuxi	Coordenador da COIAB
Cláudio Mura	Mura	Vice Coordenador
Jadir Neves	Macuxi	Secretaria, COIAB
Silvio Cavuscens	-	Assessor COIAB
Manoel		Assessor COIAB

Equipe de Organização

Nome	Povo	Função
Ismael Tariano	Tariano	COIAB/Centro
Rosa Fonseca	Arapasso	COIAB/Centro
Ageu Sateré	Satere	COIAB/Centro
Nicole Freris	-	Assessora COIAB/Centro
Eslizete Gama da Silva	Satere Maré	Estudante
Claudia Mendes	Ticuna	Estudante
Deborah Oronão	Oronão	Estudante
Lucila Ferreira Reis	-	Secretária

Participantes

Nome	Povo	Função	Região
Clovis Ambrosio	Wapichana	Conselheiro - COIAB	Roraima
Darcy Duarte Comapa	Marubo	Conselheiro (suplante)	Tabatinga - Am
Nino Fernandes	Ticuna	Conselheiro - COIAB	Tabatinga - Am
Miguel Batista Maia	Tucano	Conselheiro - COIAB	São Gabriel - Am
Antônio Justo da Silva	Apurina	Conselheiro - COIAB	Lábrea - Am
Mariano Fernandes Cruz	Kambeba	Conselheiro - COIAB	Tefé - Am
Gilberto de Souza Pereira	Mura	Conselheiro - COIAB	Autazes
Miquelina Barreto Machado	Tucano	Conselheiro - COIAB	Manaus
Obadias Batista	Sateré Mawé	Conselheiro - COIAB	Parintins
Gersem Severino Manehinery	Manchinery	Conselheiro-suplante	Acre
Domingos Parintintin	Parintintin	Conselheiro- COIAB	Humaita - Am
Gersom Jose Santos Luciano	Baniwa	Coordenador PDPI	Brasília
Jorge Terena	Terena	COIAB-FUNASA	Manaus
Ariné Wainana Apala	Apalai	Convidado Especial	Amapá
Bonifácio José	Baniwa	Convidado Especial	São Gabriel
Raimundo Cohpyt Krikati	Krikati	Convidado Especial	Imperatriz
Kohalue Karajá	Karajá	Convidado Especial	Tocantins

Paulo Jonas de Almeida	Mura	Produtor	Manicoré
Etelvina Parente	Mura	Produtor	Manicoré
Marli Marquis	Mura	Produtor	Autazes
Edison da Silva	Mura	Produtor	Autazes
Maria do Carmo S. Gadelha	Mura	Produtor	Atuasses
Darias Parente da Costa	Mura	Produtor	Atuasses
Américo Agostinho Soares	Tarsiano	Produtor	Barcelos
Maria Miguel da Silva	Bania ?	Produtor	Barcelos
Dilua Tomas de Melo	Barre	Produtor	Barcelos
Lauriano João da Silva	Baniwa	Produtor	Barcelos
Jonas Reis de castro	Mura	Produtor	Rio Preto da Eva
Carlito Yanomami	Yanomami	Produtor	Santa Isabel
Eunice Sampaio dos Santos	Tukano ?	Produtor	Santa Isabel
Vitor Cecílio Castro	Baniwa ?	Produtor	Santa Isabel
Diva Albertina de Oliveira	Arapasso	Produtor	Santa Isabel
Sra. Andreza	Sateré Mawe	Produtor	Parintins
Jacilina Batista	Satere Mawe	Produtor	
Adamir Costa Souza (Dino)	Sateré Mawe	Produtor	Barerinha
Aldamir da Costa Souza	Sateré Mawe	Produtor	Andira
Nezinha de Oliveira	Sateré Mawe	Produtor	Marau
Joaquim Batista	Sateré Mawe	Produtor	Marau
Heraldo Imbram	Hixcariana	Produtor	Nhamunda
Marconte Txiqwe	Hixcariana	Produtor	Nhamundá
Maria INSS Mote Rodrigues	Wapichana	Produtor	Boa Vista
Simeão Messias	Wapichana	Produtor	Boa Vista
Louis Alonso Perua	Quichua	Produtor	Equador
Rosa Marilda de Lima Saldanha	Tucano	Representante-AMARN	Manaus
Zenilda da Silva Vilacio	Sateré Mawe	Representante-AMISM	Manaus
Habacuque da Silva Vilácio	Sateré Mawe	Representante-AMISM	Manaus
Francisco Loebens	-	Representante CIMI	Manaus
Cila Mesquita	-	Representante - CPT	Manaus
Sonia da Silva Vilacio	Sateré Mawe -	Representante- Taruma	Manaus
Wellington	Sateré Mawe	RepresentanteRedenção	Manaus
Mário Stélio Rodrigues Ribeiro	-	Representante FUNAI	Manaus
Luciene Pohl	-	Representante- FUNAI	Manaus
Andre	-	Representante Imaflor	Manaus
Lucimar Araujo Ferreira	-	FUNTAC	Acre
Carine Queiros	-	Representante FUCAPI	Manaus
Nilo Davila	-	Representante Greenpeace	Manaus
Mauricio Fabrioni	-	Representante ACOPIAMA	Manaus
Mauricio Avacar Seffair	-	Representante SEBRAE	Manaus
Alfredo Wagner		GTA- Un. Fed. de Maranhão	Maranhão
Luiza Macgrath	-	UNAIS	Brasilia
Kees Nooren	-	UNAIS- OPAN	Manaus

Miguel Zan Zoró	Zoró	Convidado Especial	Porto Velho - RO
Francisco Berkembrock	-	Convidado Especial	Acre
Mário Fadel	-	Convidado Especial	Acre
Raimunda Nonata Rodrigues	-	Convidado Especial	Imperatriz
Francisco Ademar da Silva Cruz	-	Convidado Especial	Carauari
Egídio Schwade	-	Convidado Especial	Pres. Figueiredo
Claudemir Queiroz	-	Assessor Jurídico	Tefé - Am
Maria Katherine de Oliveira	-	Assessora - Centro	Manaus
Gersem Severino Manchineri	Baniwa	Coordenador - PDPI	Acre
Midas dos Santos Oliveira	Mayuruna	Produtor	Médio Solimoes
Aldenor José	Mayuruna	Produtor	Médio Solimoes
Leôncio Miguel de Lima	Apurinã	Produtor	Rio Branco Acre
Amazônico Castro de Souza	Madija	Produtor	Eirunepé - Am
Yodi Kanamari	Kanamari	Produtor	Eirunepé - Am
Txai Kanamari	Kanamari	Produtor	Erunepé - Am
Biruvi Deni	Deni	Produtor	Carauari - Am
Zumetavi Deni	Deni	Produtor	Carauari - Am
Salamão de Souza	Ticuna	Produtor	Tabatinga
Rosa Chota Davila	Ticuna	Produtor	Tabatinga
Carmen Gomes Tamanho	Ticuna	Produtor - ASMIT	Tabatinga
Inacy Rosindo	Ticuna	Produtor	Tabatinga
Elizabeth Peres de Souza	Ticuna	Produtor	Tabatinga
Lucia de Almeida Vasques	Ticuna	Produtor	Tabatinga
Izaque Ricardo Flores	Ticuna	Produtor	Tabatinga
Maria Araujo	Ticuna	Produtor Casa do Índio	Mariaçu II
Nina Araujo	Ticuna	Produtor Casa do Índio	Mariaçu I
Manoel Ribeiro	Ticuna	Produtor Casa do Índio	Parana Ribeiro
Jose Pereira Paulinho	Ticuna	Produtor Casa do Índio	Cidade Nova
Manoel Duarte Comapa	Marubo	Produtor	Vale do Javari
Gilson Mayuruna	Mayuruna	Produtor	Vale do Javari
Deusa Reis	Marubo	Produtor	Vale do Javari
Alcidia Macedo Marubo	Marubo	Produtor	Vale do Javari
Tumi Matis	Matis	Produtor Casa do Índio	Vale do Javari
Beni Matis	Matis	Produtor Casa do Índio	Vale do Javari
Fatima Maia	Tucano	Produtor	São Gabriel
Cecilia Barbosa Albuquerque	Piratapuia	Produtor - ASMIG	São Gabriel
Clara Mota Massa	Dessano	Produtor	São Gabriel
Luiza da Silva Ricardo	Bare	Produtor	São Gabriel
Manoel Alberto Gaudêncio	Baniwa	Produtor	São Gabriel
Vitor E Castro	Baniwa	Produtor	São Gabriel
Maria Monteiro Cruz	Bare	Produtor	São Gabriel
Ivan Tenharin	Tenharin	Produtor	Humaitá
Pedro Jiahui	Jiahui	Produtor	Humaitá
Edilson Correio Rosário	Paumari	Produtor	Labrea
Francisco Jacinto de Almeida	Apurina	Produtor	Labrea
Sebastião de Freitas	Apurina	Produtor	Labrea

Paulo Jonas de Almeida	Mura	Produtor	Manicoré
Etelvina Parente	Mura	Produtor	Manicoré
Marli Marquis	Mura	Produtor	Autazes
Edison da Silva	Mura	Produtor	Autazes
Maria do Carmo S. Gadelha	Mura	Produtor	Atuasses
Darias Parente da Costa	Mura	Produtor	Atuasses
Américo Agostinho Soares	Tarsiano	Produtor	Barcelos
Maria Miguel da Silva	Bania ?	Produtor	Barcelos
Dilua Tomas de Melo	Barre	Produtor	Barcelos
Lauriano João da Silva	Baniwa	Produtor	Barcelos
Jonas Reis de castro	Mura	Produtor	Rio Preto da Eva
Carlito Yanomami	Yanomami	Produtor	Santa Isabel
Eunice Sampaio dos Santos	Tukano ?	Produtor	Santa Isabel
Vitor Cecílio Castro	Baniwa ?	Produtor	Santa Isabel
Diva Albertina de Oliveira	Arapasso	Produtor	Santa Isabel
Sra. Andreza	Sateré Mawe	Produtor	Parintins
Jacilina Batista	Satere Mawe	Produtor	
Adamir Costa Souza (Dino)	Sateré Mawe	Produtor	Barerinha
Aldamir da Costa Souza	Sateré Mawe	Produtor	Andira
Nezinha de Oliveira	Sateré Mawe	Produtor	Marau
Joãoquim Batista	Sateré Mawe	Produtor	Marau
Heraldo Imbram	Hixcariana	Produtor	Nhamunda
Marconte Txiqwe	Hixcariana	Produtor	Nhamundá
Maria INSS Mote Rodrigues	Wapichana	Produtor	Boa Vista
Simeão Messias	Wapichana	Produtor	Boa Vista
Louis Alonso Perua	Quichua	Produtor	Equador
Rosa Marilda de Lima Saldanha	Tucano	Representante-AMARN	Manaus
Zenilda da Silva Vilacio	Sateré Mawe	Representante-AMISM	Manaus
Habacuque da Silva Vilácio	Sateré Mawe	Representante-AMISM	Manaus
Francisco Loebens	-	Representante CIMI	Manaus
Cila Mesquita	-	Representante - CPT	Manaus
Sonia da Silva Vilacio	Sateré Mawe -	Representante- Taruma	Manaus
Wellington	Sateré Mawe	RepresentanteRedenção	Manaus
Mário Stélio Rodrigues Ribeiro	-	Representante FUNAI	Manaus
Luciene Pohl	-	Representante- FUNAI	Manaus
Andre	-	Representante Imafior	Manaus
Lucimar Araujo Ferreira	-	FUNTAC	Acre
Carine Queiros	-	Representante FUCAPI	Manaus
Nilo Davila	-	Representante Greenpeace	Manaus
Mauricio Fabrioni	-	Representante ACOPIAMA	Manaus
Mauricio Avacar Seffair	-	Representante SEBRAE	Manaus
Alfredo Wagner		GTA- Un. Fed. de Maranhão	Maranhão
Luiza Macgrath	-	UNAI5	Brasila
Kees Nooren	-	UNAI5- OPAN	Manaus

3.0

Auto-sustentação e Economia: Um diagnóstico das áreas indígenas

(Grupos de Trabalho, divididos por regiões)

ECONOMIA - PASSADO, PRESENTE FUTURO?

- 01) O que os antepassados precisavam para viver bem?
- 02) Antigamente, compravam ou trocavam para as coisas que eles não tinham?
- 03) Quando os brancos chegaram, qual foi a reação dos antepassados?
- 04) Qual foi o interesse dos brancos nos povos indígenas?
- 05) O que eles trouxeram de novidade?
- 06) Agora o que vocês precisam para vivem bem?
- 07) Agora, o que vocês precisam e que não tem na aldeia?
- 08) Como vocês conseguem ter essas coisas? Trocando o que? Com quem?
- 09) O que vocês querem para o futuro de seus netos e bisnetos?
- 10) Como vão conseguir ter essas coisas?

Apresentação dos Grupos

Grupo 1

Alto Solimões e o Vale do Javari
Povos Tikuna, Marubo e Mayuruna

Antigamente, viviam na fartura com muito caça e pesca e compartilhavam os bens dentro e entre aldeias. A chegada dos brancos causou um choque e os Ticunas matavam os brancos e tomavam suas mulheres - e vice versa!. Os brancos tinham interesse em invadir as terras dos indígenas por causa das riquezas naturais assim como: ouro, madeira e plantas medicinais. De novidade trouxeram mercadoria e religião. Agora o que precisamos para viver bem é educação, saúde e principalmente terra demarcada e também fiscalizada. Muitos recursos vão para pagar profissionais e assessorias técnicas não indígenas por não terem profissionais e pessoas formadas dentro da comunidade. Para isso precisamos nas aldeias de professores indígenas, contadores indígenas, técnicos indígenas, para sermos cada vez mais autônomos. Conseguimos isso investindo em nossos parentes, desenvolvimento auto-sustentável na comunidade e conhecimento dos nossos direitos. Também para nossos filhos queremos autonomia, educação, economia, saúde, terra demarcada.

Grupo 2

Rio Amazonas
Povos Sateré-Mawé e Hixcarianos.

O essencial para nossos antepassados era terra para caçar, pescar, fazer cultivo diversificado, tirar as plantas para a medicina tradicional. Também precisava de um bom líder. Eles simplesmente trocavam, sem dar muita importância pela troca. Os brancos os traíram para a desocupação das terras. Criaram a dependência e as novidades e os nossos antepassados reagiram com surpresa, medo, sem ação de reação. Agora precisamos

conhecimento de nossa cultura e a valorização de nossa produção. Por isso precisamos nos dedicar, na teoria e na prática. E para isso, precisamos ter os mecanismos que nos dêem condições de produzir e vender nossos produtos. Para nossos filhos, queremos autonomia, na educação, saúde e o desenvolvimento econômico sem danos à natureza. Isso nós vamos seguir através de nossa capacitação e nosso conhecimento científico de políticas públicas, sempre afirmando nossos valores tradicionais milenares. Um exemplo disso é o projeto em Parintins de resgate à língua materna Sateré-Mawé e uma oficina de arte indígena.

na troca
de medo
indígenas
culturas e
línguas são os
comprando
tradição,
importância

Grupo 3
Rio Madeira
Povo Mura, Tenharin, Djiahoi, Karajá.

Antepassados precisavam principalmente de utensílios para poder caçar, pescar, produzir produtos para outras coisas que necessitavam. Com a chegada dos brancos, nossos antepassados tiveram revolta por desrespeitarem suas formas de vida. Os brancos queriam ocupar suas terras e suas riquezas, ainda escravizar a fim de utilizar sua mão-de-obra. Foram doenças, vícios, utensílios e religião. Agora para viver bem precisamos de saúde, educação e formação. Para conseguir essas coisas era importante uma pesquisa de mercado para compra e divulgação de nossos produtos, com um preço justo. Queremos para nossos filhos, boa saúde, educação, preservação da natureza, reflorestamento, remanejamento de terras e produção em geral. Conseguiremos isso trabalhando e lutando por esses objetivos.

vida e não
chegada dos
contato com
terras. As
assacre e
indígenas,
de nossa
mestífeis
, farinha,
marcadas,
fontes de

Grupo 4
Alto e Médio Rio Negro. Povo Tucano, Baré, Baniwa.
Economia e os Povos Indígenas
Passado/Presente/Futuro

Passado - A economia dos antepassados era diferente. Dividiam sua alimentação entre si, faziam troca entre os povos diferentes, por exemplo; a tribo Tariano sabia fazer canoa e não sabia fazer ralo. Por isso trocavam os ralos com os Baniwas; contato com os brancos, começaram a sentir necessidade de dinheiro para ter as coisas. Começou a exploração da mão-de-obra barata e a desvalorização de nossos produtos enquanto os bens e mercadorias ficam muito caras, de forma geral, a discriminação no meio social.

costumes
organização.
tuais, pois
organização

Problemas: Para a nossa economia, precisamos aperfeiçoar o produto cada vez mais, procurando fazer intercâmbio com outros órgãos ou instituições. Para isso é preciso de uma estrutura física, técnicas atualizadas e de ter um local de escoamento dos nossos produtos.

indígenas,
, unidade,
reduzir a

Futuro - Continuar mantendo a cultura, preservando o meio ambiente, conservando e mantendo a matéria-prima, resgatando a língua e danças e fazendo projetos para adquirir recursos financeiros para apoiar essas atividades.

endo como
ização da
destas e

4.0

3º Dia , 25 de Outubro 2000

4.1 O Mercado e Iniciativas em Economias Alternativas

Abertura com Marilene Corrêa - UA

Marilene iniciou sua apresentação explicando quais são as dez principais Características das Relações de Mercado Justo

- 1) Participação de todos os envolvidos: *Principalmente os produtores, que conhecem o seu ambiente e as suas necessidades. Eles que devem escolher as assessorias e ter uma participação coletiva.*
- 2) Respeito aos Recursos Naturais: *Sabendo como e quando utilizá-los, mantendo a cultura do recurso natural, vivo;*
- 3) Valorização do local: *Valorizando a cultura, a historia e os recursos o que existem em cada área*
- 4) Distribuição dos resultados (coletiva): *Com a melhor distribuição do resultado, os "atores" devem conhecer os gastos e discutir as possibilidades de melhoria do empenho dos projetos.*
- 5) Valorização de experiência tradicional (dos antigos produtores de memória coletiva): *Para definir as diversas formas de economia tradicional, as relações de troca, as necessidades e as regras que devem guiar a relação com o mercado.*
- 6) Acreditar na pessoa com quem trocamos informações: *Acima de tudo na seriedade da pessoa que vai lidar conosco*
- 7) Respeito e compreensão de sustentabilidade da Amazônia: *Incentivar para que as práticas de sustentação tenham continuidade*
- 8) Estudar outras experiências bem sucedidas para aprenderem a construir e mal sucedidas para aprender evitar problemas
- 9) Construir iniciativas e experiências: *Como realizar um levantamento das iniciativas, identificar o que podemos fazer, como e com quem fazer, as parcerias, o valor do intercâmbio para um planejamento estratégico;*
- 10) Discutir quem são os nossos parceiros e interlocutores: *Definir parcerias que compartilham da mesma visão, para construírem mercados que sirvam para o bem estar de nossas comunidades, mercados sujeitos às regras de justiça social e preservação ambiental.*

4.2 Exposição em Alternativas Econômicas

O Projeto Guaraná do Povo Sateré Mawé Obadias Sateré / Mauricio Fabrioni

Guaraná é uma planta nativa da floresta alta. Os Sateré são os descobridores da utilização dessa planta e no sec XVI estes já estavam exportando o guaraná. E utilizado como um remédio energético, para dar pique e força. Quando os colonizadores descobriram o potencial econômico do Guaraná, começaram a levar, e da mesma forma que quando levaram a borracha para a Malásia, a semente para o Mato Grosso, Bahia, Ceará, são as regiões que hoje mais produzem o guaraná. Agora a produção do guaraná esta monopolizada pela AmBev e outras grandes empresas como Sapó, na França. Esse monopólio, causou um grande impacto nos Sateré, que entregavam sua produção de guaraná aos grandes atravessadores pôr um preço muito baixo. Com o tempo, deixaram de cultivar por essa desvalorização e da dependência aos atravessadores. Passaram a priorizar outras economias, assim como a castanha, pau-rosa, farinha de mandioca. Eventualmente com o aumento da população, isso causou mais escassez dos recursos naturais, degradação do meio ambiente, doenças por falta de alimentação, enfim, desestruturou o povo sateré.

Foi criada uma organização para amenizar esses problemas: o Conselho Geral dos Satere Mawe - CGTCM. A Coordenação criou projetos de agricultura, com a ajuda da FUNAI, da prefeitura, mas muitas vezes esses projetos criavam mais dependência e não autonomia econômica. Além disso, não foi contemplado a dificuldades para o escoamento e a venda depois de estimular a produção.

Em 94 uma nova coordenação assumiu o CGTSM e começou a se organizar para abordar essas dificuldades - contudo incentivando o escoamento, depara-se com os problemas, por não terem recursos, estrutura, e na busca de mercado nacional, depara-se com empresas, multinacionais no exterior. O mercado justo existe, mas tem centenas buscando pôr este mercado. Através dessas experiências foi elaborado o projeto Guaraná do CGTSM, foi aprovada e colocada em prática essa proposta. Agora foi provado que o projeto deu certo com uma produção de guaraná mais do que o dobro de quando ela começou. Foram identificados alguns mercados justos na Europa, pagando um preço justo para o Guaraná, valorizando a nossa produção. A demanda desses mercados está crescendo, estimulando ainda mais a produção.

Com o sucesso dos projetos, investimos na preservação do meio ambiente através do projeto de coleta de lixo diferenciada na aldeia, preparação dos próprios Sateré para poder administrar burocraticamente o projeto. Na exposição da Agenda 21, o projeto Guaraná foi aprovado como um dos melhores e conseguimos mais incentivo para investir em outros projetos, assim como a extração de copaiba e produção de mel de abelha. Contudo continuam as dificuldades, e com o sucesso do projeto a inveja dos próprios parentes tem sido um problema, que às vezes atropela.

A questão que deve ser discutido nesse encontro é a geração de renda, mas que também toma em conta a questão da cultura, o meio ambiente, o social. Se conseguir isso não é difícil. incluir o custo de tudo isso no preço de venda que valoriza esses elementos - os mercados justos. Isso é que está dando certo na questão do guaraná.

Arte Baniwa - Bonifácio do Alto Rio Negro

Antes do projeto, a comercialização do artesanato Baniwa aconteceu através dos atravessadores, que levaram mercadoria para os parentes nas aldeias e traçava para um preço bem baixo. Começamos nossa associação de base, a partir de 1992, com o apoio da FUIRN, COIAB, FUNAI, ISA, começamos divulgar o trabalho de artesanato. Conseguimos na época 1993 através da Fundação Vitória Regis, um contrato de produzir em grande quantidade. Só que nessa época não estávamos preparados - trabalhamos durante 6 meses mas não conseguimos produzir esse material e perdemos esse crédito. Mesmo assim continuamos a divulgação, participamos nas feiras. Com tempo ficou claro que precisamos melhorar a qualidade da produção e da divulgação. Isso foi o início do projeto que hoje está desenvolvido com o apoio da ISA. Promovemos uma oficina com os artesãos para discutir como ia ser o trabalho. Discutimos o preço, pontualidade da entrega da material e potencializar a produção nas comunidades. Essa oficina resultou em um livro - Arte Baniwa e uma etiqueta para divulgar o projeto. Ai passamos a divulgar nosso artesanato - participamos 3 exposições em São Paulo. E começamos a comercializar um tipo de artesanato - o Urutu que agora vendemos diretamente na loja Tok Stok. Fechamos um encomenda de 400 dúzia por ano - entregamos cada 3 meses cem dúzia de artesanato

Esse trabalho trouxe vários benefícios para a comunidade. Antes para comprar uma rede tinha que fazer 4 -5 dúzia de artesanato. E com esse projeto estamos levando para as artesãs na aldeia R\$100,00 uma dúzia. Contribuímos com a estrutura e administração, telefone, transporte etc. Aqui em Manaus recebemos um apoio do programa Waimiri Atroari, que embarcar ate chega em Manaus. Demora 15 dias para chegar. Agora estamos recebendo encomendas a cima da nossa capacidade de produzir. No momento ha 30 comunidade produzindo. Com essa divulgação através da FOIRN estamos ampliando para alcançar ainda mais comunidades. Mas com esse crescimento temos que cuidar para não cair à qualidade. Quando começamos, os artesãos receberam R\$58 - que aumentou para R\$100 - mas com um grande trabalho de controlar a qualidade e garantir a produção. Temos que manter a confiança da loja.

Associação dos Povos Indígenas do Tumucumaque, Amapá (APITU) Ariné Wainana Apala

Antes fazíamos artesanato para nosso próprio uso. Iniciamos a idéia desse projeto depois de trazermos instrutores para nos ensinar como desenvolver os projetos. Começamos a produzir artesanato para vender. Contudo, somente podíamos vender para a FUNAI que sempre demorava a pagar. Daí em 1995 foi criado pelas lideranças indígenas o APITU, para defender os direitos dos povos. APITU possibilitou desenvolver os projetos com artesanato.

Foi criado um Centro de Cultura dos povos em Amapá, que serve como centro de divulgação e venda do artesanato. Foram definidos mercados para o artesanato - nacional e internacional, e agora divulgamos nosso artesanato através da Internet. Em Manaus no momento temos 3 clientes. Aumentamos a produção e agora compramos de outras aldeias na área. Entramos na questão da educação com elaboração de livros, cartilhas, para as crianças e fizemos treinamentos. Agora estamos iniciando um trabalho na extração de copaiba.

Alem da questão econômica, APITU tem diversos outros projetos na área de educação, na saúde, no transporte aéreo.

Associação das Mulheres do Bico do Papagaio (ASMUBIP) - Raimunda Nonata

Nossos antepassados sempre trabalhavam com babaçu, produzindo o óleo, a farinha, artesanato. Nos anos 70, começamos a vender esse côco, mas ainda não era muito valorizado. Vendemos para os atravessadores. Na mesma época, havia muita grilagem da terra, pessoas do sul do país migrando para nordeste. Criou muitos conflitos e morreu muita gente. Os fazendeiros que mudaram para a região, começaram a derrubar as babaçoieras. Para defender a nossa terra criamos sindicatos e associações, mas não tínhamos como denunciar essa devastação por não ter a quem recorrer. Também a questão da mulher sempre estava deixada ao lado. Queríamos uma organização que apoiava as mulheres e lutava para o meio ambiente. Finalmente, em 1992, criamos uma associação, um grupo de mulheres. Dessa vez conseguimos o apoio do Governo Federal através de um projeto da CNPT do IBAMA. Foram doados recursos para a compra de uma máquina de processamento de Babaçu. Construímos um galpão, montamos as máquinas, que hoje tiram 500 litros de óleo por dia. Através dessa valorização econômica, conseguimos a valorização do meio ambiente e o fortalecimento e autonomia da mulher.

Segue um resumo da estrutura e organização que temos até agora, para o beneficiamento e comercialização de babaçu:

- Uma prensa de processamento de amêndoa de Babaçu
- Escritório em São Miguel
- Postos de compra de babaçú e cantinas
- Cursos de cantineiros
- Seminários anuais
- Preservação do meio ambiente através da luta contra a derrubada e o envenenamento na natureza
- Denúncias
- Projetos de lei ambiental
- Conscientização para a preservação do meio ambiente

Na atuação são três áreas que são enfatizadas pelo projeto:

- Projeto mulher;
- Organização e conscientização;
- Cursos das coordenadoras.

A estrutura organizacional está composta dos seguintes elementos:

- uma diretoria com 12 pessoas: 6 efetivas e 6 suplentes;
- um Conselho fiscal: 6 membro efetivas e 6 suplentes;
- 32 Núcleos em 11 municípios; cada um com 2 coordenadores
- Sócias - 620
- Assembléia Geral 1 por ano
- Reuniões regulares nos núcleos
- Reuniões ordinárias da diretoria uma vez por mês

Projeto RECA - Rondônia - Francisco Berkembrock

O Projeto RECA se situa nas margens da BR 364, uma área de 100 hectares no município de Nova Califórnia em Rondônia. Em 1986 essa região era o centro de um dos maiores fluxos de migração pela Amazonas, provocado pela implantação de infra-estrutura de transporte (transamazon) e políticos governamentais de colonização das terras amazônicas. Contudo houve pouco interesse por parte do governo de Rondônia em investir nessa região, em 1985 o Governo do Acre assumiu esse território. Assim sem apoio do Governo, buscamos alternativas para nós podermos continuar ali através da produção - cacau, café e plantas da região como, cupuaçu, castanha e pupunha.

Surgiram muitos problemas, o primeiro sendo a falta de recursos. Fizemos um projeto e mandamos para o IBAMA que logo aprovou, mas não repassou recursos. Depois o Bispo se interessou pelo projeto e o apresentou para uma entidade holandesa que financiou o projeto.

Começamos a organizar as famílias para plantar, nos organizando em grupos. Cada grupo tinha entre 8 e 20 pessoas, contudo, alguns grupos acabaram por falta de bons líderes. Cada um dos grupos tem coordenador e um líder, para coordenar os projetos internos. Não há eleições, que são desgastantes por criar rivalidade. É realizada pelo grupo, uma reunião mensal, para discutir as questões do projeto Reça, quando os representantes discutem entre si as propostas e trabalhos e distribuem de acordo com a capacidade de cada um.

Hoje temos uma safra de 99/2000, de 415.927 kl de fruto de cupuaçu, 28.000 lt de pupunha, com mais de 500 hectares de pupunha plantada. Produzimos açaí e farinha de pupunha em parceria com comunidades vizinhas.

Os desafios continuam, principalmente de como conseguir recursos, organizar as famílias e encontrar a melhor forma de nos organizar e trabalhar. Há também a necessidade de legalização das fábricas para colocar o produto no mercado, passando pelas burocracias do governo. Isso pode inviabilizar qualquer trabalho nas comunidades, pois não existe estrutura, e o beneficiamento é caro. Também não temos assessores para a comercialização - somos somente agricultores com pouca formação. Sofremos dificuldades graves para o escoamento da produção por falta de estrada. Contudo, pôr mais que tenhamos essas dificuldades, os avanços têm sido muito grandes em pouco tempo. Em cada assembléia sentimos que temos dado um grande passo a frente.

Reserva extrativista do Juruá - Francisco Ademar

Trabalho com o Conselho Nacional de Seringueiros. Trabalho com a população local na questão de extrativismo. Essa é a nossa forma de luta. Temos 2 projetos - projeto do desenvolvimento sustentável e um com os grande madeireiros e a indústria de pesca. Com o primeiro trabalhamos a favor e o segundo contra. Vou discutir aqui, duas iniciativas do projeto da reserva extrativista - uma com borracha e a outra com óleo vegetal.

Três anos atrás levantamos a problemática de como oferecer uma alternativa econômica sem ser de madeira. A região do Juruá já passou por várias economias - primeiro foi a borracha, depois foi a madeira, depois veio o pescado e depois veio esse projeto do governo o Terceiro Ciclo, que tentava incentivar a produção agrícola. Essas mudanças não resolveram nada, mas criaram muitos problemas sociais e ambientais. Aumentou a migração das populações do interior para Carauari e de lá até Manaus, resultou em uma série de

problemas de violência e doença. Não havia uma economia para as populações do interior. Nossa iniciativa foi em cima disso.

Começamos a procurar parceiros, pessoas com quem podemos juntar e somar. Olhamos para a borracha pois todo mundo sabe tirar seringa. A borracha é um produto renovável, pode-se tirar para sempre para se sustentar sem precisar derrubar e nem plantar. Começamos a distribuir as tarefas entre nossas parcerias. E essa junção de ideais que fez que o projeto começar a andar. Começamos a produzir a borracha com essa nova técnica e produzir essas placas para os computadores (mouse pad). Há grande mercados. Começamos com 30 famílias, fabricando 4000 peças para o computador. Ainda é um projeto piloto, um projeto novo, mas tem dado muito certo até aqui.

O Projeto Andiroba é um projeto com potencial muito grande. Há muita andiroba na região. Encontramos um mercado rápido. Esse projeto tem uma rentabilidade muito maior do que a borracha. Contudo andiroba só tem uma safra no final de março por ano, enquanto a borracha pode ser uma alternativa para o ano inteiro. No ano passado conseguimos vender 10 toneladas de óleo de andiroba, por oito reais por quilo - esperamos 200 toneladas por ano. Esse projeto é coordenado pela Universidade de Amazonas e se concentra em uma comunidade chamado Roque. Agora vamos montar uma usina para aumentar essa produção e gerar energia através da andiroba.

Para terminar gostaria de colocar duas coisas em referência a essa palavra autosustentação. Nós da reserva, entendemos de auto-sustentação: é você depender do mercado o menos possível - em vez de comprar nós devemos produzir, plantar e viver na fatura. Temos que ver as coisas que gastamos, consumimos. Temos que perguntar se realmente precisaremos e se nós podemos produzir, nós próprios.

Frutas do Cerrado - Raimundo Krikati

Trabalho em uma organização de 11 aldeias dos povos Kanelas, Graus e Krikati. Temos um projeto voltado para o cerrado. O cerrado é uma região pouco valorizada e o projeto tende a valorizar o potencial do cerrado. O projeto foi criado em 1996. Cheguei só um mês nesse projeto. Antes não sabiam o que era uma organização ou associação. O objetivo da associação é de manter a cultura, defender a flora e fauna e a preservação e uso sustentável da região. Hoje temos uma fábrica de polpas de frutas localizada no sul do Maranhão. É uma fábrica pequena com pouco movimento ainda. Contudo, foi aprovado o projeto PDA de produção e beneficiamento de frutas do cerrado e com isso estamos ampliando a nossa infra-estrutura. Ainda não temos toda a capacidade de assumir esse trabalho e continuamos a precisar de assessores. Nossos assessores são do CTI. Com nossa fábrica pensamos em produzir 100 toneladas por mês de polpa.

Dentro do projeto tem uma parte voltada para a capacitação dos jovens. Hoje temos 20 jovens sendo capacitados na questão da administração de recursos e do gerenciamento da fábrica, pois temos que saber cuidar do que é nosso. Com esse projeto estamos construindo um centro de treinamento de professores indígenas, onde são preparados para preparar material didático de como preservar a natureza. E dentro do projeto estamos começando a trabalhar com a produção de mudas, vendo futuramente a possibilidades de venda das mudas. Futuramente queremos colocar a polpa dessas frutas nos mercados nacional e internacional.

Projeto de Criação de Abelha - Egidio Schwadde

Nós trabalhamos com uma economia da reciprocidade. Geralmente quando fala-se de economia pensa-se só no homem. Esquecemos que a economia da reciprocidade é uma economia da natureza e que nós somos uma parte pequena como outras plantas. A natureza e a abundância de vida. A vida abundante é o que queremos. Quando olha-se para a floresta pensando na economia, nossa vista começa a restringir-se, e começamos a ver só uma ou outra coisa - a madeira, a copaiba, a castanha etc. Esquecemos da abundância, da diversidade da natureza que é a base da vida.

Nós trabalhamos com a produção de mel de abelha e um tipo de agricultura chamado permicultura. Em 1997 nosso mel fornecia só a cidade de Presidente Figueiredo, pois a produção era pouca. Começou em Junho de 1997 uma produção muito boa e abriu o mercado para Manaus. Quem fez a propaganda de nosso mel foram as próprias pessoas de Presidente Figueiredo. E em 1998 fomos convidados para fazer uma exposição dos diversos tipos de mel na Alemanha. E pensamos que não deveríamos aceitar. Porque lá haveria empresários com quem teríamos que ter um contrato - correndo o risco de criar uma dependência e a possibilidade de perder ou quebrar nossa iniciativa por dificuldades de produção. Exportação também exige uma série de exigências, questões burocráticas que acabam reduzindo os retornos e aumentam o trabalho. Nós devemos aumentar a nossa produção, mas não em vista de mercados distantes, mas aumentando a fartura e saúde de nossas comunidades aqui.

O perigo de projetos econômicos é que eles focalizam em poucas coisas. E assim esquecemos das outras espécies, frutas e plantas que nos dão autosustentação. Temos que questionar essa estupidez que só pensa na economia de mercado. Nos últimos séculos criou-se a idéia de que tudo gira em torno do homem. Esquecemos a multiplicidade de criações que estão em volta. Na bíblia, o que foi a última coisa que Deus criou? No estima dia foi festa! E a festa e a alegria no meio dessa abundância da natureza! Isso e o que me motivou durante 37 anos de trabalho no meio dos povos indígenas.

Associação Indígena Pangyjej do Povo Zoro - Zan Zoro

Trabalho com o projeto de artesanato do Povo Zoro em Rondônia. Temos contato com o branco de 21 anos e estamos usando roupa agora, e começamos a pensar como nós poderemos conseguir ter essas coisas. Antigamente não era assim. Agora todo mundo precisa. Sou o presidente da Associação. Quando começou o nosso povo vendia as coisas para nada só miçanga. Era injusto ficávamos tristes. E nós fizemos um projeto de artesanato, que agora esta se saindo bem. Vendemos artesanato fora por um preço melhor. Conseguimos as coisas que Nós necessitávamos É esse, parente, isso é meu trabalho.

Perguntas

Q: Quanto tempo leva a palmeira da pupunha para iniciar a colheita?

R: Primeiro há a coleta da semente e a produção da muda, que só vai para o campo praticamente 1 ano depois. Até o início da produção da fruta depois a plantação no campo leva de 3 a 4 anos. Início do corte para palmito leva de 18 a 24 meses. Nosso caso usamos agricultura orgânica, quer dizer sem agrotóxicos e fertilizantes. Não usa-se adubação química, só leguminosa. Há grandes variedades, algumas melhores para a produção da farinha

e outros para a produção de óleo. Nos temos aproximadamente 200 tipos, mas ainda estamos no processo de seleção e dessas diversas subespécies. Vendemos as sementes com um Certificado de garantia de qualidade.

R: Adubação no Amazonas, não e necessário utiliza produtos químicas. Nós estamos aprendendo algumas técnicas oferecidas pela Permicultura - que significa agricultura permanente. Nossa experiência com pupunha, fazemos um buraco de 1 metro e meio de profundidade e jogamos dentro desse buraco tudo o material orgânico, quer dizer, folhas, galhos, grama e plantamos 4 pupunheira ao redor. O material orgânico sustenta a pupunheira. Assim a pupunheira cresce com mais rapidez e saúde. Da mesma forma pode-se plantar as bananeiras em círculos ao redor de adubo orgânico.

Q: Pergunta do Apicultor se há alguma experiência com abelhas em suas plantações e que importância esta tem?

R: São as abelhas nativas que são de grande importância para a polinização, ajudando na fertilização das plantas e árvores. Há uma diversidade enorme de abelhas nativas e é mais fácil por não precisar de equipamento. São mansos.

R: Na área Sateré estamos treinando pessoas em técnicas de criação de abelha nativa exatamente pelas razões dadas acima. Avançamos rápido. Já têm muitas caixas. As pessoas são treinadas pela família e não pela comunidade, porque precisa de vocação para cuidar da criação. Assim nós poderemos mostrar uma outra forma de desenvolvimento dos grandes projetos do Governo, os madeireiros e empresas mineradoras.

Q: A exploração de madeira pode ajudar preservar o meio ambiente?

A: A exploração da madeira dá um dinheiro rápido, mas não é sustentável em longo prazo. Com o mercado de madeira você ganha num dia e no outro acabou- se. Mas com outros produtos assim como borracha e andiroba, não criar um impacto é como você ter dinheiro na poupança que sempre vai estar lá. Esses produtos que não sejam de madeira, valorizam a floresta em pé. A oferta de madeira é boa, o IBAMA e o governo incentivam, mas temos que pensar muito bem em outras alternativas que possam valorizar a floresta em pé.

Q: Quais os processos da Burocracia do Governo Brasileiro para pode comercializar?

R:Primeiramente, para explorar qualquer matéria prima da floresta, precisa oficializar o Manejo em conjunto com o IBAMA. No Projeto de Juruá, solicitamos esse manejo. Depois se consegue um documento chamado ATPF que é necessário para escoar qualquer produto da floresta. IBAMA manda um técnico sem custo nenhum para fiscalizar o manejo - de onde tira a matéria prima para não acabar. Pode ser feito com a copaiba, andiroba e com a borracha. A dificuldade está em pagar os altos impostos. É necessário retirar as notas para a saída na Sec. da Fazenda. Com referência à Babaçu não danificam a palmeira, portanto, conseguimos a isenção do ICM. A pupunha no caso do palmito, ainda há a dificuldade de enfrentar essa burocracia e o custo dos impostos. Há uma proposta de abaixo-assinado para isentar-se essas iniciativas de extrativismo sustentável dos impostos.

Observação: Foi notado pelo Chico que o estatuto indígena isenta aos índios dos pagamentos dos impostos sobre os produtos produzidos em suas terras. As comunidades indígenas seriam entidades no direito público interno, ou seja, poderia abrir uma conta no banco sem ter C.G.C., seria um direito consaorado no estatuto do índio. Mas na prática esse direito não é respeitado.

5.0

4º Dia, 26 de Outubro 2000

5.1 O Centro Indígena de Produção e Cultura

A mesa foi composta pelas representantes do Centro Indígena de Produção e Cultura:

- Cláudio Mura; Vice Coordenador da COIAB, Coordenador do Centro
- Nicole Freris; Assessora do Centro
- Ageu da Silva Vilácio; Articulador Comercial do Centro
- Rosa Fonseca; Administradora do Centro
- Ismael Tariano; Articulador Cultural
- Clodoaldo - Técnico Agrícola
- Katerine - Bioquímica

Cláudio Mura; Vice Coordenador da COIAB e Coordenador do Centro.

A COIAB se criou em 1988 e assim estamos levando em frente esse projeto do Centro. Iniciou se com os companheiros de Acre, Roraima, Baixo Amazonas com dificuldades. Agora a COIAB já cresceu, já passou por diversos coordenadores. O projeto do Centro começou como uma idéia da COIAB, mas sem recursos. Não surgiu de nada pois faz muitos anos que a COIAB se preocupou e está discutindo as dificuldades econômicas nas áreas indígenas. Daí veio a assessora Nicole, que trabalhou no CIMI e de dois anos para cá veio para ajudar a montar esse projeto. Depois chamamos o companheiro Ageu que começou articulando a compra e venda de artesanato. Nicole ajudou a articular os primeiros recursos R\$18.000, e depois a COIAB ajudou passando recursos para apoiar o Centro. Recentemente foi aprovado pela Fundação Ford um total de aproximadamente 150 mil dólares durante 2 anos para as atividades do Centro. Parecem muitos recursos, mas há muitas despesas em esse projeto, despesas de aluguel, telefone, luz, capital de giro, viagens.

A COIAB está apostando no Centro. Todos nós temos que batalhar para que esse Centro funcione, pois tudo mundo faz parte dele. Quando vocês voltarem devem discutir com as comunidades como se deve desenvolver esse projeto.

Mas há muitos desafios na frente - o capital de giro é pouco, precisa-se de pesquisas de mercado e cumprir as leis do estado e município, que se referem à questão de comercialização, e os produtos precisam ter selos e marcas. O Centro será intermediário de vendas de produtos e, a COIAB tem que ter sua porcentagem para poder manter-se e futuramente vir a ser sustentável.

Além disso, precisa-se elaborar o estatuto do Centro que deve ser aprovado pelo conselho deliberativo com 16 conselheiros. Vamos ver o estatuto desse Centro e encaminhar para todas as organizações associadas a COIAB especialmente para os Conselheiros da COIAB, pois há poucos conselheiros aqui. Precisa ter transparência na prestação de contas em dezembro com os conselheiros. Quem são as pessoas que determinam o rumo e estrutura legal do Centro somos nós todos, as organizações de base e os conselheiros

Nicole Freris: Assessora do Centro

Assim foi a gestação e o nascimento do Centro, dentro da COIAB. Como um recém-nascido está nos cuidados de seus pais, a COIAB, os representantes daqui, os povos indígenas. Mas como o Cláudio falou, eventualmente o Centro vai precisar da sua organização própria para atender às exigências legais e administrativas de trabalhar com o comércio. Isso vai ser discutido mais a diante durante esse encontro. Mas vamos voltar para rever os objetivos gerais e específicos do Centro:

Objetivo Geral

Diversificar e viabilizar alternativas econômicas nas áreas indígenas que protejam o patrimônio natural da Amazônia, sua herança indígena e fortalecer a cultura e o processo organizativo dos povos indígenas.

Objetivos Específicos.

1. Identificar produtos da floresta com potencial comercial, definindo critérios de exploração que respeitem as tradições indígenas e que sejam verdadeiramente sustentáveis, bem como o processo de acompanhamento da produção;
2. Estabelecer uma rede dinâmica de mercados para os produtos da floresta, suprindo às necessidades materiais básicas dos produtores, fortalecendo suas organizações e possibilitando seu desenvolvimento sustentável;
3. Criar um acervo documental relativo à realidade sociocultural e econômica dos povos indígenas, estabelecendo canais para consolidar intercâmbio de experiências, favorecer a formação de alianças e ampliar a participação na política de desenvolvimento regional;
4. Criar um espaço permanente para os povos indígenas divulgarem a suas alternativas políticas, sociais, culturais e econômicas, baseadas numa dinâmica que valorize herança indígena e proteja o meio ambiente;

Esses objetivos, foram elaborados como propostas para solucionar os diversos problemas enfrentados pelos povos indígenas. Segue um resumo de problemas e propostas de soluções contempladas no Centro:

Problema	Proposta do Projeto
Falta de acesso aos mercados justos: controle de mercados por regatões, baixo preço para a produção, alto preço de bens de consumo básicos.	Estabelecer uma sede administrativa em Manaus para articular mercados justos diretamente com os produtores, atender as necessidades burocráticas de comercialização e diversificar os retornos para a produção.
Falta de um acompanhamento técnico para definir e viabilizar potenciais de produção, o controle de qualidade e critérios para a exploração sustentável	Disponibilizar assessoria técnica que possa orientar os produtores a respeito dos produtos Potenciais, das boas práticas de produção e dos critérios de exploração sustentável.
Falta de acesso à infra-estrutura de transporte e comunicação para escoar a produção até os centros urbanos.	Fortalecer a colaboração entre os produtores indígenas e a rede de organizações indígenas e de outras entidades de apoio.
Falta de informações sobre opções alternativas desenvolvidas em outras regiões, bem como uma articulação com entidades de apoio e agências financeiras.	Promover encontros de intercâmbio entre os produtores e agências de apoio, produção de material de divulgação acessível aos produtores indígenas e formação de estudantes indígenas.

Ignorância da população urbana sobre a cultura indígena e as questões ambientais da região	Criar no Centro um espaço permanente de divulgação sobre a questão indígena e ambiental, através de shows, exposições, debates, discussões, e workshops.
Falta de informações sobre a política de desenvolvimento no país e falta de uma participação efetiva dos povos indígenas na definição dessa política.	Através dos modelos alternativas propostas pelos povos indígenas, ampliar sua contribuição para o desenvolvimento de uma econômica, justa e sustentável para a Amazônia.

No princípio foram identificados 14 áreas piloto e 5 produtos pilotos para iniciar as atividades (artesanato indígena, castanha da Amazônia, babaçu, óleo de copaiba e andiroba, mel de abelha). Contudo, futuramente o Centro pretende trabalhar com qualquer produto de qualquer povo indígena da Amazônia desde que a proposta se conforme as linhas e aos objetivos da proposta.

Atualmente o Centro tem a seguinte infra-estrutura de administração:

Coordenação de COIAB: Proponente e referencia política do projeto

Equipe de Execução:

(quem organizará e executará as atividades previstas no projeto)

Cláudio Mura: Vice Coordenador da COIAB

Rosa Fonseca: Administradora

Ageu Sateré: Articulador Comercial

Ismael Tariano: Articulador Cultural

Nicole Freris: Assessora

Assessoria Técnica:

Clodoaldo: Técnico agrícola

Katherine: Bioquímica e técnica de produção

Rosa Fonseca: Setor Financeiro - Centro

Primeiramente, gostaria perguntar quem é que vai compor esse Centro? São vocês, os produtores. Vocês que devem pensar como vai ser esse Centro. Nos como a equipe de execução e a COIAB, nos temos que acatar as idéias de vocês.

Toda organização precisa uma pessoa de referencia, responsável pelas questões administrativas - assim na sua casa, que é de referencia? Muitas vezes é e mulher, ela é a administradora da casa. Geralmente a mulher administra muito mais do que os homens. Assim muitos vezes os homens entregam o dinheiro para as mulheres administram. Agora é a mesma coisa no Centro, pois precisa alguém para administrar os recursos. Pois esse é meu trabalho, de administrar os recursos que vem dos projetos.

Falamos muito em autonomia e independência, mas isso só vai acontecer quando nos temos capacidade de administrar nossos negócios. Podem pensar que o projeto tem muito dinheiro mas não é bem assim. O dinheiro já esta destinado para atividades, já previstos no projeto. O dinheiro não é livre. E para destinar os recursos, se faz necessário uma administração - para não gastar a toa.

Nos que trabalhamos com projeto, precisa trabalhar com recibos. Não tenho como fazer uma prestação de contas sem ter um papel, sem ter algo que justifique como foi gasto o dinheiro. Tudo isso faz que o trabalho de administrar é muito difícil. Por isso é importante vocês os produtores que são a parte mais fundamental do projeto entender a importância dessas coisas.

Ageu Sateré: Articulador Comercial

Existem 3 elementos importantes na questão de venda - qualidade, durabilidade e o preço de venda. Temos que melhorar cada vez mais a qualidade. E assim não vai haver dificuldades de encontrar os mercados. Já houve participação em várias feiras, fomos até Caracas para uma feira em colaboração com SUFRAMA, e há muitas solicitações de artesanato. Mas existe uma série de exigências burocráticas para podermos comercializar. Por exemplo temos que emitir uma nota fiscal. Para exportar precisamos nos credenciar na SEFAZ e daí no Siscomex, contratar um despachante etc. Cada vez mais o governo dificulta nossas vidas com essa burocracia.

Dentro do projeto estou responsável para a questão da comercialização de produtos vindo de suas áreas. Existem mercados para esses produtos, aqui na região, em outros estados e até fora do país. Contudo um trabalho com comércio exige uma série de procedimentos legais e burocráticos que dar muito dor de cabeça. Uma grande preocupação é que a forma que estamos comercializando no momento não é legal, pois a COIAB não pode comercializar em escala. Enquanto isso, eu mesmo estou assinando como artesã para poder exportar material para outros estados e por isso posso ser até preso. Por isso precisamos logo ver como nos podemos legalizar nossa situação.

Ismael Tariano: Articulador Cultural

Trabalhei um tempo no movimento estudantil indígena e depois na área Yanomami de Marauá. Depois voltei para Manaus para terminar minha faculdade e estou terminando meus estudos de antropologia da educação. Fui convidado para fazer parte do Centro mas olhando para o lado mais cultural e a promoção social. Entendo a cultura em forma bem ampla, vendo a nosso jeito de viver dentro da aldeia, dentro da comunidade. Faço isso porque gosto, pois quem trabalha com cultura não é por dinheiro.

Dentro do projeto trabalhamos com os índios na cidade e suas organizações assim como AMARN, AMISM, MEIAM. Formamos um grupo de dança e montamos um grupo para tentar estudar e resgatar os rituais dos indígenas. Estamos estudando, as danças e os rituais do Alto Rio Negro, o ritual Menina Moça dos Ticuna, a dança das Tucandeiras. E são os próprios índios da cidade que estão fazendo esse trabalho. Queremos fortalecer, junto com os índios da cidade, as organizações e culturas indígenas para que possamos voltar a utilizar nossa língua, contar nossas histórias, mitologias. Podemos ver os filhos dos índios na cidade, sem ter que ter vergonha de ser índio. Para não andar com a cabeça baixa, temos que fazer esse trabalho de conscientização. Conforme os estudos da CIMI existem 10 000 índios na cidade, bastante para criar um bairro dos povos indígenas com sua arte e sua cultura.

Clodoaldo de Oliveira: Técnico Agrícola:

Meu trabalho é de ajudar as comunidades indígenas se sustentarem sem ter um impacto na natureza. Trabalhei com seu Egidio em presidente Figueiredo, que é o foco para Permicultura, um tipo de agricultura tradicional dos povos indígenas. Lá se cria tudo, peixe, pato, fruta, verduras, mel, uma diversidade enorme dentro de 3 hectares. Daí entrei no projeto da COIAB como técnico, conversamos com a equipe e começamos o trabalho. Dentro do projeto estão contemplados 5 produtos não madeireiros: Babaçu, Cobaiba, Mel, Artesanato, e Castanha. E quase não existe uma formação para trabalhar com

esses produtos. Fiz alguns módulos de um novo curso chamado Pós- Técnico Florestal do Amazonas que ajudou bastante.

Iniciamos com um trabalho com o óleo de copaiba na área Satere, dando continuidade a um levantamento que identificou um grande potencial da produção de copaiba. A idéia é de extrair o óleo sem destruir a árvore para garantir a fonte futura. Mas existe muito pouca pesquisa sobre isso. Li o que existe, cheguei na área Satere e fomos para o mato. Existem 5-7 árvores por hectare, que é muito. Furei as árvores, identificamos a melhor forma de tirar o óleo com um trado. Tiramos várias amostras dos diferentes tipos de copaiba - o óleo grosso chamado óleo Jacaré usado para tratar de doenças da pele da criança e um óleo fino. Existem mercados para a copaiba. Primeiramente precisamos garantir uma certa quantidade de produção - depois as perspectivas para a venda são muito boas.

O projeto também pretende investir na produção de mel da abelha nativa, mas que possibilita a extração do mel sem danificar os enxames. Mel como nos sabemos tem muitas propriedades medicinais dar saúde. Também ajuda na fertilização das árvores e plantas na floresta. Na área Satere, ajuda fertilizar as plantas de guaraná, que agora representa uma fonte de renda importante para as comunidades. Assim uma coisa ajuda a outra. Estou falando dos Satere porque até agora é a única área que visitei - por enquanto, pois estou poucos meses no projeto. Qualquer dúvida ou sugestão, estou aqui para responder.

Katerine Santos de Oliveira : Bio- química e técnica de Produção para o Centro.

Estou colocado aqui com técnica de produção - porque? Porque vou auxiliar na melhoria da qualidade da produção. Até agora meu trabalho tem sido principalmente com os Mura de Autazes na produção da farinha de Babaçu. Trabalho principalmente na qualidade dos Alimentos. Para isso tem que definir alguns critérios para seguir. Na questão da alimentação, a matéria prima que chamamos, são os alimentos. Para poder ter os alimentos, precisamos, primeiramente, a natureza - pois todos os alimentos vêm da natureza. Então plantamos, colhemos e depois podemos fazer a industrialização dele - em sopa, macarrão - mas todos eles vêm de onde? Vem do meio ambiente. Então para ter qualidade na comida, precisamos ter qualidade no meio ambiente. Não podemos ter muita sujeira ou poluição.

Depois para processar os alimentos, para fazer a nossa comida precisa-se de utensílios e equipamentos, para cortar, cozinhar, ralar etc. E esses utensílios precisam-se de qualidade também.

E o terceiro é as pessoas. E para ter qualidade, as pessoas devem estar com saúde. Se a pessoa está com vermes, pode-se passar isso para a comida, contaminando o alimento. Assim, às vezes a gente passa mal porque não cuidamos do alimento. Se por exemplo minha peneira está furada, não vou ter uma farinha de qualidade.

Trabalho principalmente na melhoria de qualidade dos produtos alimentícios, assim como babaçu, castanha, pupunha ou até as plantas medicinais. Assim trabalhei com os Mura, tentando melhorar a qualidade da produção de babaçu. Lá o meio ambiente está bem, só que a água não estava muito boa. Começamos a esterilizar os utensílios, as pessoas começaram a lavar mãos, se cuidar. Logo que começamos em Autazes, foi feito um exame de uma amostra de babaçu, mostrando que tinha muitos microorganismos ou bichinhos que causam doenças como vermes e diarreia. Depois de um ano de trabalho tentando melhorar a qualidade, conseguimos uma babaçu totalmente limpa, quer dizer sem microrganismos. Mas agora precisamos melhorar a infra- estrutura, quer dizer uma casa onde possa processar a babaçu, para não contaminar mais a babaçu. Agora a babaçu dos Mura é de boa qualidade.

Eu aprendi muito com esse trabalho junto com os produtores Mura. Se continuasse no projeto continuaria levando esse processo de aprendizagem para melhorar a qualidade de outras áreas. Mas não vou ficar o resto da minha vida. O que penso em fazer é treinar uma pessoa ou mais, um de vocês em como fazer esse trabalho. E isso precisa fazer de tudo, para não necessitar contratar pessoas de fora.

Se nós não fizermos nada para tirar esses produtos, pessoas e empresas de fora vão chegar e passar em cima da gente. Isso é uma ameaça verdadeira, pois os olhos do mundo estão no Amazonas. Se nós nos organizamos, podemos aproveitar disso, criando parcerias, se não vamos estar explorados mais uma vez.

Perguntas

Q: Como fica a comercialização de artesanato que utiliza pena?

Clodoaldo/Nicole: Temos que cuidar disso, não somente porque está proibido pelo IBAMA, mas pela questão da sustentabilidade - quer dizer, não posso tirar da natureza mais do que ela pode recompor. Escassez da matéria prima que já está acontecendo em muitas áreas indígenas- importância de manejo desses recursos para nunca acabar com essas riquezas. Isso é importante tanto para a fauna, quanto para flora. Consultamos IBAMA sobre isso mas sentimos uma certa resistência deles em abordar essas questões junto com as populações indígenas.

Q: Como vai ser a organização legal do projeto?

Cláudio: Esse processo vai ser administrado pela COIAB, vai ser um braço da COIAB. Temos um advogado aqui que vai explicar como pode ser - uma cooperativa, uma empresa, uma associação. Vamos discutir como isso pode ser, pois a COIAB é uma entidade sem fins lucrativos e esse projeto deve ter fins lucrativos com tudo direito e dentro da lei. E a COIAB é responsável por tudo isso. É preciso todo mundo fazer uma análise, vamos ter grupos de trabalho, para discutir isso mais. Mas somos todos nós aqui que determinamos isso.

Q: O que determina a validade dos produtos?

Katherine: Uma boa pergunta, pois para comercializar precisa de uma data de validade, quer dizer uma data depois de que o produto não pode ser consumido. Isso está claro porque depois de um certo tempo toda comida começa a apodrecer. Comendo comida podre faz mal para a saúde. O que determina a validade e a qualidade da produção. Se foi produzido com todos os cuidados de limpeza com uma embalagem bem fechada, dura mais tempo.

5.2 A Legalização Institucional do Centro Indígena de Produção e Cultura

Claudemir Queiroz - Assessor Jurídico

Aqui nós vamos discutir as alternativas para a organização legal do Centro seja uma fundação, cooperação, associação. A COIAB é uma organização sem fins lucrativos, uma entidade que tem uma atuação social e política. O Centro visa a questão econômica nas áreas indígenas, colocando em prática as propostas de uma economia justo e sustentável, assim trabalhando diretamente com comércio. Isso exige que o Centro se organiza legalmente em forma apropriada, pois a COIAB não pode comercializar legalmente. Para comercializar, o Centro deve ter seu próprio C.G.C., notas fiscais, balancete, razãoete e todas as burocracias contábeis para que se faça valer essa legalidade. No momento, o Centro esta comercializando os produtos indígenas ilegalmente, no mercado Negro. Além de ser perigoso, isso não é bom para o desenvolvimento e divulgação do projeto. O Centro deve trabalhar em maneira Branca quer dizer aberta e legal. Isso não deve criar conflitos entre a COIAB e o Centro pois seu papel é bem distinto e um deve complementar o outro. De qualquer jeito não existe outra alternativa se precisar trabalhar com comércio. São vocês mesmos da COIAB que vão criar esse Centro, vão definir a forma do controle social.

Aqui devemos discutir a melhor forma futura da organização legal do Centro, seja como Sociedade, Cooperativa, Fundação ou Associação. Para cada um precisa um estatuto que é o documento legal que regulamenta o comportamento daquela instituição. Primeiramente, vamos ver em breve o funcionamento de cada uma dessas alternativas

- Uma Sociedade Econômica é uma organização com finalidade quase exclusivamente comercial, com fins especificamente de lucro, assim uma empresa. Reúne membros (pessoas jurídicas ou organizações) cada um que investe uma porcentagem de capital. Conforme os investimentos que recebem, em retorno, quotas dos lucros do comércio da empresa. Sendo um empreendimento estreitamente comercial, dificulta a captação de recursos financeiros de agências de apoio e há uma serie de exigências legais e impostas do governo.

- Uma Cooperativa reúne os próprios produtores para organizar a venda de seus produtos e depois devolvem o lucro em partes iguais para todos. Geralmente focalizar em um tipo de produto ou uma região geográfica e não permitir a participação de pessoas que não sejam cooperadores ou produtores. A finalidade, geralmente é comercial, e possibilita a emissão de notas fiscais. É um modelo mais conhecido no Sul do país e pouco aqui no Norte. Sofre de uma série de exigências burocráticas e administrativas e de impostos.

- Uma Fundação reúne pessoas com a mesma finalidade para gerenciar um patrimônio ou capital (recursos financeiros, prédio, imóveis, terra etc) os quais devem ser registrados em cartório. Precisa-se de uma proponente - que bem pode ser a COIAB. Criar uma diretoria e um conselho fiscal, elaborar um estatuto e administrar as atividades conforme a sua finalidade. Uma fundação possibilita diversos tipos de sócios, assim como: contribuinte, benemérito, passageiro, capital. Uma Fundação pode ter uma abrangência grande, em termos geográficos e da diversidade das atividades realizadas. Pode emitir notas fiscais e exportar produtos. Por ter uma organização interna forte com a diretoria e conselho fiscal, e pelo acompanhamento do promotor, há mais autonomia e sofre menos exigências burocráticas do estado. O lucro deve ser retorno para a população alvo, ou outros investimentos mas não pode ser para o lucro individual. Para criar uma fundação, precisa do acompanhamento e da aprovação de um promotor de justiça.

• Uma Associação é uma pessoa ou personalidade jurídica, reunindo associados para definir seus fins e objetivos e para atender a demanda para a qual ela foi criada, sem a necessidade de capital, patrimônio. Geralmente a finalidade é social e não lucrativa, contudo possibilita a comercialização em pequena escala, ocorrendo dificuldades na questão de exportação e algumas questões burocráticas na comercialização assim como emissão de notas fiscais. Ela é uma sociedade menor. Ela não tem um fim que possa abranger por exemplo, vários estados. Não precisa de capital ou patrimônio. Para comercializar em escala e principalmente para exportar precisa criar uma Associação Mercantil, que leva uma série de exigências burocráticas e impostas.

Perguntas

Q: O que será o momento político para a legalização desse Centro pela COIAB

A: Vocês não são da COIAB? COIAB não é de vocês? Assim vai ser o Centro. Não deve existir essa preocupação - vocês não são COIAB vocês são o Centro. Tem-se a intenção de amarrar o Centro dentro da infra-estrutura da COIAB, pode amarrar, mas tem que funcionar. Para funcionar precisa de legalidade -- e voltamos para discutir a questão da melhor forma de legalizar esse projeto.

Q: Nos temos um projeto de construir um museu, mas a assessora queria tomar conta e criou problemas. Será que não vai acontecer uma briga assim entre a COIAB e o Centro?

A: A COIAB ela não pode comercializar. Como pode fazer para legalizar isso - isso é o que estamos discutindo. Existe outra alternativa? Não existe, a não ser a COIAB mudar seu estatuto, criando um objetivo que ampara o Centro de se legalizar para poder trabalhar com comércio. Ainda isso pode criar problemas políticos e legais para a COIAB que não deixa a possibilidade ampla e aberta de trabalhar com comércio. Precisa ter um órgão que pode ter sua CGC, pode emitir notas fiscais etc. Não estamos colocando que vai criar conflitos com a COIAB, pois a COIAB terá o controle político do Centro. Sei que é uma preocupação, mas esta é a hora de simplesmente decidir se vamos criar esse Centro e a melhor forma de legaliza-lo. Senão, não vai andar.

Q: Quando quer mudar uma diretoria ou coordenação ou convocar uma assembleia, como isso acontece?

A: Cada um de vocês deve ser um fiscal da organização. Se as coisas não estão andando bem, que a diretoria não está honesta, pode convocar uma assembleia geral extraordinária, quer dizer uma assembleia não planejada. Qualquer um membro pode pedir para a diretoria fazer. E se não fizer, convoca através de uma ação. E isso se isso não funcionar, não há democracia. Para votar, a primeira convocação para mudar uma diretoria tem que ser dois terços dos membros, segunda, 50% mais um, e a terceira quem estiver presentes. Mas todo estatuto tem isso dentro.

Q Como se dar essa questão da biopirataria, quando vendemos plantas medicinais?

A: Tudo que sai do meio ambiente sem autorização dos órgãos competentes é biopirataria. Se vocês colocaram lá no estatuto de vocês as ervas medicinais, tem que listar. Isso está registrado e publicado no diário oficial. Mesmo assim tem que ir ao conselho regional de patentes e pedir a autorização da IBAMA. Essa autorização da IBAMA ainda vai para receita federal, que fica no seu computador com aquilo que é de vocês. São muitas leis. Por isso precisa se organizar. Não é brincadeira.

Q: Como fica a aprovação desse processo da criação de uma nova organização com relação às deliberações dos conselheiros da COIAB e a assembléia da COIAB?

A: acho que é o papel da comissão apresentar e defender essa proposta na reunião dos conselheiros em Dezembro. Só depois da aprovação, pode passar para ser avaliado na assembléia. E só depois da aprovação na assembléia é que se dá a criação dessa fundação.

A: Queria esclarecer que todos nós aqui somos COIAB, somos nossas organizações, não viemos aqui para deixar as coisas em Maio do ano que vem. Viemos aqui para definir alguma coisa, não podemos deixar tudo que nos já trabalhamos deliberamos para depois e talvez sem aprovação.

A: A gente do Rio Negro acha também que poderia determinar essa forma de organização sem esperar o conselho ou a assembléia da COIAB. Saindo desse encontro queremos levar os resultados para nossas comunidades.

5.3 Grupos de Trabalho

1. Propostas para o nome do Centro Indígena de Produção e Cultura
2. Qual o melhor tipo e processo de organização para o Centro?
3. Qual a melhor forma de participação dos produtores e organizações no Centro?
4. Quais devem ser as prioridades do Centro para os próximos 2 anos?

01 - Grupo Rio Negro

Nome Fantasia: REAHU - Língua Yanomami significa Cultura

Nome Oficial: Centro de Produção e Cultura Indígena

Forma de Organização: Associação

Participação dos produtores: Através da diretoria conselho e assembléia de produtores

Prioridades: estrutura do projeto; projetos de cursos para capacitação dos produtores; apoio aos produtores mais distantes;

Para formar essa associação, pensamos independente de esperar o conselho ou a assembléia da COIAB, porque uma coisa que teria que ser já concluída, para a gente saindo daqui, levar o resultado desse encontro para as nossas comunidades.

02- Grupo Alto Solimões e Vale do Javari

Nome Fantasia: RÃNE Na língua Marubo significados os tipos de adornos indígenas.

Nome Oficial: Centro de Produção e Cultura Indígena

Forma de Organização: Criação de uma Comissão nesse encontro aqui, de 5 pessoas para definir a forma de organização e elaborar o estatuto com a participação de advogado e assessorias.

Participação dos produtores: Por etnias diretas com os produtores e quando tem, as organizações das bases participarão.

Prioridades: Primeiro passo será elaborar um estatuto do Centro para ser apresentado e aprovado na Assembléia de maio de 2001. Segundo e importante classificar os produtos mais vendidos para os produtores ter essas informações. E terceiro de legalizar juridicamente o Centro, para exportação, venda, administração;

03 - Grupo Médio Solimões

Nome Fantasia: AFORHAHÁVI significa uma coisa feita por todos.

Forma de Organização: Fundação

Participação dos produtores: representação dos produtores por etnia.

Prioridades: Atender as regiões que já estão produzindo.

Processo: Criar uma Comissão responsável para elaborar proposta de estatuto e enviar para as organizações locais aprovar.

04 - Grupo Rio Madeira e Acre

Nome Oficial: Fundação Indígena de Produção e Cultura - FIPC;

Forma de Organização: Fundação, com presidente, vice-presidente, tesoureiro, secretária, conselho fiscal e suplantes.

Participação dos Produtores: Que sejam representadas pela organização e sejam enviadas para as bases;

Prioridades: São de dar continuidade dos trabalhos iniciados. Durante esse tempo em que o Centro esta sendo legalizado, os trabalhos não param. E que essa iniciativa seja repassada pelos outros parentes que não tem uma organização local.

Grupo 05 - Rio Amazonas

Nome Fantasia: YAKINÕ na língua Hixcariana significa mutirão

J'YMCWYR PEHMPOC Krikati significa trabalho diversificado

WASSUÁ na língua Zoro significa produção

RAKATÁWÔ-NOYMÕ na língua Hixcariana significa Centro de trabalho

Forma de Organização: Fundação - por produzir e vender ao longo prazo, expandindo a nossa produção

Participação dos Produtores: Por etnia, sem participação direta das organizações sem fins lucrativos, mas que eles acompanham

Prioridades: Se pensarmos nesse projeto, com a criação dessa Fundação como uma coisa modelo, temos que pensar ao longo prazo e legalizar a entidade criar um estatuto para podermos comprar. Entendemos que a compra esta sendo feita de uma forma clandestina, então priorizamos durante os dois anos essa questão da legalização e organização.

5 ºDia - 27 de Outubro 2000

Foi determinada por voto (56 a 1) a forma legal de organização seja uma Fundação. O nome mais votado foi a Yakinõ.

YAKINO

Fundação de Produção e Cultura Indígena dos Povos da Amazônia

Encaminhamentos:

- Criar uma Comissão de 5 representantes dos produtores indígenas, Coordenação da COIAB e os membros da Equipe de Execução da Yakinõ, com assessoria de um advogado e acompanhamento do Promotor para elaborar estatuto da Fundação de Produção e Cultura dos Povos Indígenas da Amazônia.
- Reunir essa comissão antes da reunião dos conselheiros da COIAB e apresentara uma proposta de estatuto e legalização institucional do Yakinõ para avaliação e dos conselheiros.
- Encaminhar essa proposta para as participantes e as outras organizações da base para eles avaliar.

Representação dos produtores escolhidos por votação - 1 pessoa por cada região

1. Elizabeth Peres de Souza - Povo Ticuna
2. Cecília Barbosa Albuquerque - Povo Piratapuia
3. Habacuque da Silva Vilácio - Povo Sateré-Mawé
4. Jonas Reis de Castro - Povo Mura
5. Ivan Tenharin

6.0

6.1 Políticas Públicas e desenvolvimento sustentável

Projeto PDPI: Projeto Demonstrativo dos Povos Indígenas - Gersen Luciano Baniwa

Os recursos do PDPI existem com a colaboração dos 7 ou 8 países mais ricos do mundo. Iniciou essa parceria em 1992, quando foi criado um fundo de recursos com a participação do governo brasileiro, o Programa Piloto de Proteção às Florestas Tropicais, chamado PPG -7. A partir de várias experiências, viu-se a necessidade de um Programa de apoio especialmente para os povos indígenas da Amazônia Legal, o PDPI, que vai contar com US\$ 15 milhões para um período de 5 anos, para os quais contribuem principalmente o KfW (banco na Alemanha) e o governo brasileiro.

O PPG7 inclui diversos programas assim como PPTAL destinada à demarcação das terras indígenas. O PDPI tem como objetivo dar continuidade depois da demarcação das terras indígenas para que as comunidades indígenas possam desenvolver atividades de produção sustentável e melhorar a vida das comunidades indígenas e proteger as suas terras. Assim o PPTAL e PDPI são projetos que trabalham em juntos. A COIAB e a participação dos índios tem sido essencial e com isso tem uma chance maior que esse projeto responde as necessidades dos povos indígenas. Contudo, não deixar a ser um projeto do Governo inclusive de vários governos e por isso é um trabalho difícil. Mas uma experiência nova que vai levar muita aprendizagem essa nova relação com o Governo.

Estamos ainda na fase de preparação, realizando oficinas, cursos para as lideranças indígenas, totalizam 15 oficinas até Maio do ano que vem. A previsão é que em Junho o PDPI começa a receber os projetos para avaliar e financiar. A sede será em Manaus no prédio de IBAMA. Que tipos de projetos são contemplados?

- a) toda atividade econômica tradicional ou não - atividades econômicas sustentáveis,
- b) resgate e valorização das culturas indígenas: dança, música, etc;
- c) proteção das terras demarcadas. São as três áreas temáticas do PDPI.

Os recursos podem ser destinados apenas as terras demarcadas, com a portaria do Ministério da Justiça, reconhecendo que a terra é de posse da comunidade indígena. Além da existência da demarcação das terras, faz-se necessário que: o maior nº de pessoas da comunidade tenha conhecimento das atividades programadas ou trabalhe nelas, que as atividades no presente não ameacem, no futuro, a existência dos recursos naturais e que as atividades sirvam de exemplo para outros povos ou outras situações parecidas.

FUNAI

Sr. Mario Estélio Rodrigues Ribeiro

Trabalho na FUNAI com a sua loja a ArteÍndia e acredito que a comercialização de artesanato indígena é bastante viável como alternativa para as comunidades indígenas. A FUNAI hoje gasta uma média de 5 a 10 mil reais mensalmente em compra de artesanato. Todo o artesanato tem que ser avaliado. As vezes utiliza material que é industrializado assim com o Sateré utilizavam muito nylon. Trabalhamos com eles e foram modificando ate hoje, 80-100% dos materiais estão naturais. O importante em tudo isso é que esse material seja valorizado, não importa se é a FUNAI que compra ou outra entidade. E temos procurado fazer isso, orientando os índios que vem com artesanato para poder vender para outras lojas sempre orientando sobre um preço justo.

O encontro tem tudo para beneficiar as organizações indígenas e até mesmo as aldeias. Mas há a preocupação com a alternativa de trabalhar com investimentos próprios sem estarem pedindo dos órgãos. Está chegando no momento que os índios vão começar a sobreviver de sua própria produção e não vão mais pedir. Hoje existem duas classes de marreteiros: os brancos e os próprios índios que até mesmo aproveitando os seus próprios parentes. Por exemplo um colar de Matis leva 45 dias para fazer - às vezes troca para um pedaço de sabão. Isso tem que acompanhar. Deve-se criar um meio de orientação dentro da própria aldeia para avaliarem melhor o preço das mercadorias, para que não haja uma troca injusta.

Sr. Mário Fadel

Chefe do Departamento de extrativismo e secretaria da floresta - Acre

É com muita satisfação que estou presente nesse encontro e gostaria compartilhar nossa experiência em extrativismo no Acre e a experiência na definição de políticas públicas que apoio busca para alternativas auto-sustentáveis.

Historicamente a população do Acre trabalha com a extração de borracha. Nos últimos vinte anos, esses trabalhadores começaram a se organizar para ter a garantia da terra. Uma vez garantida essa posse da terra, iniciaram a organização das comunidades de seringueiras, povos indígenas, ribeirinhos. Começaram a organizar a produção de borracha, que ainda tem um incentivo de 40 centavos um kilo. Houve muitas críticas dizendo que a borracha não é um produto viável e não deveria continuar sendo incentivado.

A estratégia do governo foi por meio da borracha, criando uma série de incentivos que chegam até beneficia essa população. Surgiu a secretaria de floresta para se dedicar a ajudar a organizar essa produção e esse trabalho agora conta com uma série de experiências interessantes.

Primeiramente, na questão da sustentabilidade, o Governador pensou em 5 pontos.

1) Sustentabilidade tem que ser social - o governo tem que propor políticas públicas quer promova a distribuição de renda, que promovam a maior emancipação das populações. Isso deve acontecer através do fortalecimento das associações, cooperativas que representam as interesses dos produtores

2) A sustentabilidade tem que prever também a questão ambiental - o uso dos recursos naturais tem que seguir as indicadores ecológicas

3) A sustentabilidade econômica exige que há eficiência, competitividade e qualidade na produção. Um exemplo disso é no uso de borracha de Amazonas para produzir camisinhas. Falavam que a qualidade de borracha da região não permitia seu uso na fábrica de camisinhas. Desafiando tudo desse preconceito, a equipe da secretaria, investigou essa possibilidade com resultado que agora a seringa de Acre está sendo utilizado para produzir camisinhas em uma fábrica no Acre, e agora está sendo incentivado a vinda dessa fábrica para o estado de Acre, aumentando o retorno para o produtor de 30-40%. Agora isso só foi possível obedecendo à regra da qualidade por isso precisa a assessoria técnica.

4) A questão cultural é fundamental na sustentabilidade da produção, pois se para os extrativistas, as comunidades no interior, os povos indígenas, um certo modo de produção está em conflito com sua cultura, não vai criar um processo produtivo sustentável.

5) A sustentabilidade política partiu do planejamento da secretaria que durante dois anos foi feito conjunto com as comunidades extrativistas. As comunidades detêm o

maior parte dos conhecimentos que podem viabilizar a sua vida. Exige que há uma participação continua dos beneficiários de qualquer iniciativa. O conhecimento não pode ser somente um retrato da tecnologia, da ciência esquecendo a participação das pessoas. Nos levantamentos a participação dessas populações é fundamental para definir o potencial, o que pode, o que não pode, olhando pela parte social, cultural, econômico.

A secretaria de Floresta está trabalhando com o conceito da cadeia produtiva, que olhar todo o processo, as relações desde da produção lá na colocação no meio da floresta até o consumo do produto final na cidade. Olhando essas relações foram desenvolvidas umas series de propostas para resolver problemas chaves na produção de cada produto - borracha, castanha, óleo de copaiba, andiroba, murumuru, etc.

Essa é a organização utilizada pelo Governo do Estado do Acre que tem por princípio promover o desenvolvimento das cadeias produtivas agro-florestais através das organizações de produção comunitárias - Cooperativas e Associações de Produção. A Secretaria Executiva de Floresta e Extrativismo foi criada de forma pioneira para ser a condutora da aplicação da política de desenvolvimento sustentável da floresta.

Foi formados uma Central das Associações de Pequenos Produtores Rurais de Epitafiolândia e Brasília que abrange as áreas das reservas Chico Mendes, Santa Quitéria e projeto de assentamento Quixadá, englobando 31 associações filiadas. Além da Castanha do Brasil e da borracha, exploram outras fontes de renda, como a extração e o beneficiamento do açaí nativo e a coleta de sementes nativas da Amazônia. Essas sementes são comercializadas para serem utilizadas em atividades de reflorestamento nos Estados do Pará, Maranhão, Rondônia e no próprio Acre. Buscando a consecução dos seus objetivos sociais, a CAEX possui duas usinas de beneficiamento sendo uma de Castanha do Brasil e outra de borracha, ambas instaladas em Xapuri e em pleno funcionamento.

No Acre estamos conseguindo um preço muito bom para a Castanha porque os produtores são bem organizados em cooperativos que controlam o preço. As mesmas cooperativas estão beneficiando a castanha secando e vendendo para o mercado externo. Tem um estudo da Embrapa do Rio de Janeiro, que mostrar que dar para tirar 40 sub produtos da castanha - óleo, sabonete, sorvete, etc. Estamos fazendo um programa de atração para essas empresas que quer montar um negócio no estado, as empresas que fazem, biscoito, sorvete etc. Diversificando assim vai segurar um bom mercado para a castanha, e o estado ganha com isso, pois dar emprego, ganha imposto, e dai com esses retornos pode fortalecer o próprio setor.

Perguntas

Q: qual e o mercado atual para borracha

A: 90% da produção vai para a usina de beneficiamento, e dai vai para a produção de pneus. O resto vai para objetos, sapato sandália etc. Com o incentivo do Governo federal, deu 90 centavos para cada Kilo de borracha beneficiado, 46 centavos repassados para o seringueiro, isso fora do preço de mercado, que pode ser 50-57 centavos. A crise de petróleo também fez que o preço de borracha natural aumentou, e aumentou a procurar para borracha natural. Precisa que os produtores para reivindicar esses subsídios. O seringueiro no mato ganha mais ou menos 40 centavos através do subsidio do governo e mais 1 real da usina que inclui o preço de mercado e o preço que a usina tem que passar para o governo federal. Um ano atrás os seringueiros somente conseguia 40 centavos por kilo.

Também no Acre tem umas boas experiências em Turismo ecológico. Tem uma comunidade chamada Cachoeira, onde viveu o Chico Mendes, muita gente ia para esse local. O prefeito de lá é um seringueiro, ele arrumou esse local que passou a ser uma local de vistas. As pessoas vão lá para conhecer uma historia. Agora tem um pequeno refeitório, lojas que vendem o artesanato e quem vai lá acaba comprando os produtos do local. E um local muito rude mas tem uma grande atração. Agora através de um apoio do Ministério do Meio Ambiente, vamos melhorar a infra-estrutura dessa área.

Lá na secretaria de Florestas tem um departamento de mercados, que faz todos os contatos com as empresas para vender a produção; copaiba, murumuru, borracha castanha, copaiba - e lá tem um cadastro de contatos desses mercados, que será disponível a vocês. Assim que chego, orientarei a diretoria do departamento de lá para se disponibilizar a vocês se precisar fazer uma mediação.

7.0

6º dia- 28 de Outubro 2000

7.1 Manejo dos recursos naturais, boas práticas de produção e controle de qualidade

Grupos de trabalho, dividirem por região e discutiram questões ligadas à extração e comercialização dos principais produtos de sua região. Os resultados dessas discussões são resumidos na tabela em seguida:

Grupo	Produto / Matéria Prima	Manejo e Produção	Transporte	Venda	Dificuldades e Propostas
Manaus	Artesanato / Danças Culturais	*Utiliza sementes, fibras, Madeira, palha e corrente vegetais *artesãos da cidade compram de comunidades do interior que manejam a material prima	*artesãos moram em Manaus - AMISM compra material nas viagens para as comunidades	Vendem nos mercados locais, ferias, para outros estados e às vezes para o exterior	* organizações não têm legalidade de comercializar - precisamos de uma outra organização, como Yakinõ para dar legalidade
Mura	Babaçu	*babacoeiras se encontram dentro das áreas indígenas *safra e de Dezembro a Julho *3 aldeias e 10 famílias produzem aprox . 250Kg/mês	*difícil trazer a fruta ate a casa para processar * mandar P/Manaus no barco comercial	*local em Autazes, em Manaus. Precisa mais mercado	* precisa equipamento para melhorar a qualidade: secador, vasilhame, peneiras, luvas, e uma casa adequada para tirar a polpa
Rio Madeira	Artesanato	*utiliza Ambé, cipó, títica arumã, jawari, tucumã, najá e pariri *matéria mais difícil de conseguir: Cipó, açú, andiroba, buriti, pau-brasil *para não esgotar material prima precisamos só tirar o mínimo necessário sem danificar ao redor e plantar.	*dentro da área por veiculo (estrada) e ate Manaus por barco	*Arte- índia da FUNAI *Centro de Produção - Yakinõ	*preço pago e barato *poucos mercados
	Castanha	*ha 5 aldeias na área que extraíam castanhas *a safra e de Dez a Abril, a castanha médio/grande *quantidade difícil avaliar - varia por ano		*vendem para os atravessadores locais - 6-7reais uma lata	
	Copaiba, Babaçu, Plantas medicinais	*existe bastante copaiba na área, mas ninguém explora *existe 2 aldeias que tem babaçu mas não exploram *tudo mundo utilizam plantas medicinais, mas não comercializam			

Grupo	Produto / Matéria Prima	Manejo e Produção	Transporte	Venda	Dificuldades e Propostas
Rio Juruá	Copaiba	*existe muito na área *tiramos com machado	*barco - mas transporte e muito difícil	*vendem nas cidades locais - \$R5/litro	*dificuldades de organização para comercio *falta de infra-estrutura de transporte e comunicação *precisamos reunir com outros povos na região *precisa -se de alguém para acompanhar o produto ate Manaus
	Andiroba	*ha bastante na área *a safra e de Maio/Julho *preparamos, cozinhando, deixa 15 dias e depois deixar escoar o óleo			
	Artesanato	*fabricamos: maqueiras de algodão, colares , anéis de tucum, arco e flechas, cestas de cipó titica, esculturas de Madeira		*comercializa pouco - anel 80centaveis, maqueira R\$40,00	
Rio Purus	Castanha	*as aldeias Japiim e Ir.Cleuza e Marahã (Nova Fortaleza, Crispinho, Santa Rita) mais produzem *tamanho e grande e pequeno *safra entre Janeiro e Maio *colhemos 4790 latas por safra (excluindo Marahã)	Transporte e difícil - por canoa e rabetá	*vendemos em Lábrea - comercio São Francisco e Sr. Araújo para R\$3.60/lata	* Infra-estrutura de transporte - precisa uma canoa maior para transportar a castanha de diversos produtores uma vez só. *falta de mercados locais *dificuldade de escoar a produção ate manaus onde tem um mercado.
	Coloral	*feito de urucum. *produzido por 5 famílias na Nova Esperança *já tem 1500 pés de urucum misturado com o outro plantio (café, banana, mandioca) *produz 150-200kg/safra		Paga 0,80-1,50 por Kilo	
Acre	Castanha	*aldeia Camanpan e Bom Futuro 137km 87 *produz tamanho grande e pequeno total de 3000latas por safra	*o atravessador vem pagar - não precisamos transportar	*vendemos para \$R1,00 uma lata na aldeia	

Grupo	Produto / Matéria Prima	Manejo e Produção	Transporte	Venda	Dificuldades e Propostas
Médio Solimões	Castanha	*Aldeia Maraha que mais produz *ha pequeno médio e grande, a safra começando em Janeiro, terminando em Marco *produz 18,000 litros	Transportam em canoas e rabeta - demora de 10 minutos à uma hora	Vendemos em Alvarães, Tefé, Uarini para R\$10.00/CAIXA	*dificuldades pela falta de organização e infraestrutura de transporte *precisamos um mercado que paga um preço melhor *precisamos cursos de aprimoramento da produção
	Farinha de Mandioca e banana	*plantam nas rocas e vendem a excedente *produzem 2-3 tonelada por mês??		Preço da farinha 0,30-0,50/Kg Preço da banana 0,50 - 4,00 o cacho	
Alto Solimões	Artesanato	*utilizamos sementes, cipó, tururi, Madeira, tintas *arumã e tintas são difíceis encontrar devido à exploração	Transportam ate Manaus pelo barco e avião	Vendem para atravessadores - preços variados mas baixos	*precisamos realizar um inventario florestal para poder manejar nossos recursos naturais. *precisamos apoio financeiro para nossas organizações
Vale do Javari	Artesanato	*fabrica redes, pulseiras, cerâmica, colares *tucum e arumã esta ficando escassez devida a exploração	Transporte por barco comercial (muito caro)	Vendem para atravessadores locais e turistas	*dificuldades de transporte *identificação e contato com mercados que pagam melhor

Grupo	Produto / Matéria Prima	Manejo e Produção	Transporte	Venda	Dificuldades e Propostas
Alto Rio Negro	Artesanato	*urtu, jarro, tipiti, peneiras, pilão, caricu, bolsa *tucum e mais difícil de encontrar por ser explorado	Canoa (4-7 dias ate São Gabriel) mais 3 dias de Barco ate Manaus	Vendem para os missionários, Militares, e Tok-Stok- rede de lojas em São Paulo	*Dificuldades de transporte com grande distancias e cachoeiras *incerteza de vendas, preços, Mercado *garantia na qualidade da produção
	Plantas medicinais	*Incentiva a produção e a utilização mas não comercializa em quantidade *planta em hortas aprendendo com o pajé *para comercializar precisa a permissão da FUNAI e da FOIRN			
Médio Rio Negro	Artesanato	*utiliza cipó, arumã, palha de tucumã *tucum e muito difícil, pois não tem na região	*transporte ate a cidade local por canoa e rabeta	Vendem para comerciantes locais - bem barato pois não ha outro mercado	*precisa primeiramente a terra demarcada *estrutura de transporte local *melhores mercados
Baixo Amazonas	Castanha	*colhem 30.000 latas (18litros) cada safra de Fev-Junho *tamanho grande - 2 polegadas	*transporte difícil - ha 23 cachoeiras e precisa 400litros de diesel	Vendem para atravessadores e a FUNAI - 4-5 reais uma lata	*precisamos uma organização que dar legalidade para trabalhar com comercio *infraestrutura de transporte e comunicação *conscientização e praticas que possibilita o manejo dos recursos *equipamento para melhorar a qualidade dos produtos
	Copaiba e Andiroba	*ha grande quantidades, mas não exploram pois falta acompanhamento		*pagam R\$10,00/litro nas cidades locais	

Mesa Redonda

7.2 Manejo sustentável e legislação ambiental na comercialização de produtos da floresta

Imaflora - André

Imaflora trabalha com madeira certificada. Para conseguir certificar um produto precisa realizar um plano de manejo que considera uma serie de fatores sociais e ambientais. Através da certificação consegue-se vender o produto por um preço melhor, pois há uma garantia do produto não explorar o meio ambiente e nem às pessoas. Na linguagem da certificação o processo de produção deve ser:

- 1 *Ambientalmente adequado*
- 2 *Socialmente justo*
3. *Economicamente viável*

Através do manejo, a extração do produto está planejada para não causar danos ao meio ambiente e para assegurar os recursos naturais para o futuro. No manejo diz onde pode cortar, como e de quanto em quanto tempo. Por exemplo, no caso da copaiba o manejo vai exigir que deve ser tirado por trado e não machado para não causar danos a arvore. Na exploração da castanha, deve pensar por exemplo na Cutia que depende da castanha e que também ajudar espalhar as sementes. O plano de manejo tem que contemplar todas essas coisas.

A certificação e uma forma de diferenciar um produto que dar garantia a preservação ambiental e a melhoria social. Tendo essa garantia, alguns mercados pagam um preço melhor para produtos certificados em comparação os produtos não certificados, embora os produtos podem parecem idênticos. Nessa forma no caso de um produto certificado o lucro/beneficio fica maior que o custo.

Greenpeace - Nilo D'Avila

Já trabalhei com povos indígenas do Purus e do Rio Madeira, e agora trabalho no GP na campanha na Amazônia. Um dos fatores mais importantes para poder desenvolver economias justas e sustentáveis nas áreas indígenas e a demarcação das terras indígenas. Das terras demarcadas, homologadas e registradas em Cartório há apenas 40% com registro do SPU. Por exemplo, vemos na apresentação do PDPI que comunidades indígenas que não tem terras demarcadas, não podem receber recursos. Isso vai marginalizar a sua situação ainda mais - ser que não tem como dar uma conversada sobre isso?

Agora depois de ter a terra demarcada o território não vai crescer mais, mas a população indígena vai crescer bastante. Dai temos que pensar na boa utilização dos recursos da terra que e do usufruto unicamente dos povos indígenas, para garantir a sobrevivência futura dos povos indígenas com a preservação de sua terra.

Trabalha com o mercado não e fácil mas pode ser enfrentado em vários níveis. A

reuniu a comunidade para tentar segurar a venda da farinha da comunidade até o preço melhorar - se fica vendendo aos pouquinhos para um preço baixo, o produtor não ha perder de negociar o preço com o comprador. O cartel organizado dos compradores somente pode ser enfrentado se os produtores se organizam.

Um outro fator muito importante e o transporte - que custa sempre. Contudo, além de pensar em comprar, o barco e carro sempre precisa de manutenção. Para isso precisa de capacitação. Como os produtores colocaram como prioridade, precisa de capacitação em todos os níveis.

8.0

Avaliação e Encaminhamentos

Avaliação Geral do Conteúdo e Discussões

- As discussões foram bastante válidas
- Aprenderam várias coisas que não sabiam
- Encontramos pela primeira vez produtores indígenas de varias etnias
- conhecemos as necessidades de tudo mundo
- chegamos a conhecer a COIAB
- facilitou os conhecimentos para busca de alternativas e econômica
- bons resultados do encontro com a criação de Yakinõ
- todos os assuntos foram bem discutidos e esclarecidos
- YAKINO- Fundação ,comércio, artesanato e extração no total de 5 produtos.
- As discussões foram boas, abriram as idéias e com o resultado tivemos o nascimento da YAKINO.
- A propostas foram muito bom e os resultados muito positivos - o melhor para o encontro dessa natureza
- Em nossa concepção o encontro foi significativo esperamos que o assunto discutido seja levado a sério

Logística e Local

Geral:

- Boa comissão organizadora
- A organização do encontro foi ótima
- Faltou melhorar a pontualidade
- Falta de comunicação (telefone) e de remédios;
- Faltam grupos de animação e um local de compras;

Local: adequado, mas um pouco barulhento; ótimo; excelente

Comida: ótima; boa; cardápio muito repetitivo.

Transporte: bem organizado; muito bom

Animação: fraca

Proposta para o próximo Encontro

Data: 06/2000; 23 á 27/10/2001; 10 á 15/07/2001

Local: Mariapolis, Centro de Manaus

Temas:

- Valores da babaçu
- Menos palestrantes e menos mesa redondas
- Pauta mais resumida e objetiva
- Aprovação e discussão do estatuto com assembléias gerais da COIAB (o encontro sendo proposta para o Maio)

- Maior participação das organizações ligadas ao Meio Ambiente, como IBAMA
- Aprofundar melhor o seguinte: Política Pública e desenvolvimento sustentável ; Manejo dos recursos naturais; boas práticas de produção e controle de qualidade
- As organizações devem ter acesso ao levantamento econômico feito.
- Fazer projetos de participação com feiras de arte indígena para a divulgação dos produtos e a participação direta do artesão
- Para o próximo encontro trazer os resultados das atividades de Yakinõ
- Discussão sobre o estatuto
- Preocupação em inserir questão sobre origem dos produtos

9.0

ANEXO 1

Modo de produzir Coloral:

10 kg de semente de urucu e 20kg de farinha - massa de macaxeira, arroz ou milho.

10 gramas de pimenta do reino pisado.

3 dentes de alho.

$\frac{1}{2}$ de sal.

Leve a mistura ao fogo; verifique a semente se está seca; de 10 sementes, se sete já estiver seca, já está bom de ser tirado do fogo. -

Endereço OIIMP

Rua João Bosco de Lima, 1248.

Bairro da fonte- Lábrea - AM

Fone: 331-1467

Falar com Marcelino Apurinã

Br 230 - Lábrea Maitar

ANEXO II

Grupos de Trabalho por Região - Problemas e Soluções

1.0 Alto Solimões - Área Ticuna

Produção sendo comercializado

- Artesanato de arumã, fibra de tucum, tururi, madeira de balsa e murapiranga.
- Tintas naturais (Genipapo, Urucum, Crajiru, Assaflor, Pau Brasil, Pacova, Casca de goiaba, Folha de pupunha, Cumaté, Massa de açaí)

Manejo dos Recursos Naturais

1) Arumã:

Na aldeia de Bom Caminho a escassez de arumã já se tornou um problema. Para continuar a produção de artesanato, os artesãos compram fardos de arumã de outras aldeias.

Encaminhamento

- Pratica a corte seletiva do arumã
- experimenta o plantio de arumã nas beiras dos Igarapés)

2) Tururi

Tururi existe perto das aldeias. Derrubam para tirar as folhas de casca. Deixando o toco da árvore, demorar 5 anos para crescer de novo. Cresce até um diâmetro de 30-40cm em 10 anos.

Encaminhamento

- experimenta tirando a casca de tururi em pé sem derrubar a árvore
- melhorar o beneficiamento do tururi para conseguir um melhor preço por unidade

Organização

Encaminhamento

- Comunicação com as artesãs pode ser feita através do CGTT e a prefeitura de Benjamin Constant (pessoa de contato - Glecimar 415 5288)
- Controle de qualidade ficará por conta dos artesãos estabelecidas (Rosa e Salamão)
- Salamão articulará contato com artesãs de Mariaçu
- Os artesãos trabalharão para melhorar a qualidade e resistência dos cestas (ex. baú com suportes de madeira)
- Novas aldeias - O Centro só receberá encomendas de amostras para avaliação
- Revisão dos preços para as peças maiores que utilizam muita matéria prima

Comercialização

Encaminhamento

Amostras que já podem ser encaminhados para o Centro:

- esculturas de madeira e balsa
- tapetes

Enquanto isso a cestaria será por encomenda, pois existe uma grande quantidade em estoque no Centro.

A equipe do Centro deve realizar uma viagem em Fevereiro/Março para articular a produção com artesãs, visitar mais aldeias e realizar um levantamento inicial de outros produtos - farinha de pupunha, castanha, copaiba.

2.0 Baixo Madeira - Autazes e Manicore

Babaçu

O projeto de Babaçu foi o principal foco das discussões. Seguem os encaminhamentos feitos para os próximos meses.

- Terça feira, reunir com ex-prefeito para concretizar o apoio para a reforma da casa de moer (CIM, produtores e Yakinõ)
- Acompanhamento da reforma da casa de moer
- Coleta e estoque de babaçu que já está caindo (providencia folhas de alumínio)
- Re-estabelecer contato com mercados - secretaria municipal de saúde, pastorais de saúde etc
- Produção de material de divulgação
- Prestação de conta do projeto da COICA para a realização do intercambio com as quebradeiras de coco (Administração da COIAB).
- Reunião interestadual de quebradeiras de coco - 03 de Dezembro 2000 - Belém
- Viagem de articulação na região de Manicore para avaliar o potencial de produção de babaçu e outros produtos.

3.0 Barcelos

Organização

Associação Indígena de Barcelos - ASIBA - (Tel: 321 1397) se criou recentemente e está em processo de se registrar no cartório. Falta infra-estrutura de transporte e comunicação. Foi elaborado um pequeno projeto de manutenção mas não há conhecimento dos detalhes. Está prevista a construção de uma maloca no terreno doado pelo Padre, para divulgar e estocar o artesanato e como espaço para reuniões.

Encaminhamento

- Conseguir uma copia do projeto de manutenção da ASIBA - vendo a possibilidade de incluir no orçamento a construção da Maloca.

Produtos

Artesanato: cestaria de arumã e tucum, tupé; cerâmica; banco de madeira.

Matéria prima - arumã e tucum existem em quantidade, mas 1 dia de barco de Barcelos.

Encaminhamento

- Plantar as sementes de tucum no sítio perto de Barcelos
- Cestaria de arumã - melhorar a qualidade e padronizar os tamanhos
- Encaminhar amostras das peças de barro e banquinho para o Yakinõ

Observação: existe na região muita exploração de piaçaba utilizando a mão de obra barata das comunidades ribeirinhas e indígenas. Futuramente essa questão pode ser estudada pela Yakinõ, procurando mercados mais justos e meios de reduzir a exploração econômica.

4.0 Região Purus - Lábrea

Na região de Purus existe uma grande produção de Castanha da Amazônia, óleo de copaiba contido dentro de um sistema de aviamento, explorando os produtores indígenas. Há também uma produção diversificada de artesanato Indígena e iniciativas na comercialização da produção agrícola.

Castanha

Na aldeia de Japiim ha uma pop 75 e produzem por safra 4000 latas de castanha. Santa Rita com uma população de 175 também e um grande produtor de castanha. O tamanho é variado. As comunidades vendem para Kaitano Comercio. O grupo de comerciantes em Lábrea estabelece um preço único de compra e venda de produtos para manter seu monopólio. Atualmente compram por 3-5 reais por lata - o preço variando conforme com a safra.

O castanhal se encontra 2 dias de Santa Rita, os coletores levando a produção diretamente para a Lábrea. No Japiim, o castanhal fica 3 dias da aldeia, os produtores quebrando e lavando a castanha no local para depois levar para Lábrea

Encaminhamento

Proposta para futuramente iniciar um trabalho de comercialização da Castanha

- Identificar mercados melhores em Manaus
- Escolher 5 - 6 famílias - metade de sua produção sendo encaminhado para os mercados articulados em Manaus e outra metade vendendo para regatão
- separar na lavagem, castanha pequena e grande
- secar no sol para reduzir a contaminação por mofo
- articular transporte até Lábrea com CIMI e FUNAI
- OPIMP administrará as questões logísticas e o retorno para os produtores.

Agricultura

Iniciativa da aldeia de Japiim na comercialização de seus produtos agrícolas no mercado local (Lábrea):

- Coloral-granel - venda - 0.80/kg por quantidades de 10 kg e 1.50/kg por quantidades de 20grms
- Farinha Branca - venda - R\$20 por Arqueiro - produção da aldeia para o comércio 5 sacos/mês
- Farinha - venda - R\$10/40 litros (30 kg) produção da aldeia por comercio 10 sacos/mês
- Tapiaca- venda - 0.70/litro, produção da aldeia por comercio 5 sacos/mês

Encaminhamentos

- encaminha amostras desses produtos para Yakinõ

5.0 Região Alta Madeira - Humaitá

Na região existe uma grande produção de Castanha da Amazônia. Recentemente foi aprovado um projeto de levantamento do potencial comercial da Castanha encaminhado pela OPAN. Também, existe uma produção diversificada de artesanato indígena.

Castanha

Área Parentintin (35 km de Humaitá)

- Aldeia Traira - 800 latas (Castanhal 1 dia de viagem)
- Aldeia Pupunha - 3000 latas (Castanhal perto da aldeia)
- Aldeia Kanawene - 600latas (Castanhal 1 dia de viagem)

Área Tenharin (150 km de Humaitá)

- Campinha 800 lata - (Existem castanhais perto e longe da aldeia)
- Marmelo (Castanhal é 4 dias de viagem)

Área Djiaho

- - Aldeia Nova Djohi 4600 latas (Castanhal é 4 dias de viagem)

A população inteira sai na época da safra de Dezembro ate Março, para as castanhais, quebrando e lavando a castanha no acampamento e depois levando para compradores em Humaitá: Pindoba, Pacheco, Antonio Lobo, Pontoja, que mandam para Manaus. Ano passado, o comprador Pacheco recentemente chegado, estava pagando um preço razoável de 6 reais uma lata. FUNAI ou Prefeitura empresta transporte durante 10 - 15 dias, para transportar a produção da aldeia até Humaitá.

Copaiba

Existe bastante copaibeiras na área, contudo são pouco explorados. O preço local é por volta de R\$3.00 um litro e não compensa a produção.

Artesanato

Povo Parentintins - somente a aldeia Traira que produz

Povo Tenharin - todas as aldeias produzem - inclusive Ig. Preto, 200 km no BR

Povo Djiaho - todas as aldeias produzem

Contudo os mercados para o artesanato são muito difíceis. A equipe de OPAN vende algumas peças e às vezes os artesãos trazem ate Manaus ou Porto Velho para vender na Casa do Índio.

Encaminhamento

- Visita de um membro da equipe de execução para avaliar e articular a produção de artesanato.

6.0 Região Hixcariana

A área Indígena é grande (sem dados do tamanho ou do processo de demarcação), com uma população de aproximadamente 900 pessoas dividida em 5 aldeias. A maior aldeia é Cassawa, com 400 pessoas onde tinha um posto de FUNAI.

A comunidade possui um barco (36 HP) e 3 voadeiras (40, 25,15 hp). De Nhamunda até Dizinha demora 3 dias de barco, e até a aldeia mais 1 dia de voadeira

passando por muitas cachoeiras. Existe um projeto de cortar uma trilha dentro da área indígena da aldeia até em baixo das cachoeiras para facilitar o acesso.

A população agora tem novas necessidades - ferramentas para roça, combustível, equipamento casca, pesca, cozinha. Compram essas coisas principalmente através da venda de Castanha.

Castanha

A safra anual é de 33.000 latas de castanha graúdas, a coleta começando em Março, escoando a produção em Maio, Junho. De Cassawa até castanhal demora um dia de viagem. Na época de coleta a população inteira de todas as aldeias se desloca para o castanhal. Vende a produção em Nhamunda para Sr, Nogeira, ele pagando 4 reais uma lata. Um outro comprador é Cassimiro que vem de Oriximina no Para. Ele compra castanha dentro da aldeia, pagando 3 reais um litro

Encaminhamento

Futuramente, o acompanhamento e avaliação por um técnico da viabilidade de melhorar a comercialização da castanha do Hixcariana.

Artesanato

Produzem mas não comercializam artesanato. Com pouco estímulo pessoas estão desistindo a produzir.

Encaminhamento

- Encaminhar amostras de artesanato para Yakinõ

Dados de Contato: Makaxi - 534 7166 (orelião), Radiofonia - Funasa - thelma (Hixcariana) casa de índio Parintins

7.0 Região Médio Rio Negro

Na região de Santa Isabel existe muito exploração de Cipó Piaçaba, Cipó Titica, Cipó Ambé. Uma grande desafio para o desenvolvimento econômico das populações indígenas é o fato que muitas comunidades indígenas, não assumem a sua identidade indígena e não tem sua terra demarcada. Existem artesãs indígenas da cidade e das comunidades que trabalham com Cipó, contudo sem infra-estrutura, organização e sem a definição de mercados mais justos. Por isso continua muito exploração dos produtores e artesãs.

Encaminhamento

- elaboração pela organização indígena local do projeto Cipó, abrangendo artesãs indígenas da cidade (50) e iniciando com 3 comunidades indígenas.
- Adquirir um terreno para o projeto através da Prefeitura
- Procurar melhorar a infra-estrutura da organização
- Continuar o trabalho de conscientização sobre a terra e identidade

8.0 Região Juruá

Existe a produção de pelas comunidades indígenas, Deni, Madija, Kanamari, de Copaiba, Andiroba, Mel e Artesanato, vendendo nos mercados locais para um preço baixo ou trocando com o regatão. Ainda falta equipamento, transporte e uma assessoria técnica para melhorar a produção. Precisa mercados melhores para a produção. Os bens matérias que compram em Carauari com o retorno da venda são muito caros. Existem iniciativas em economias baseadas no extrativismo, da Reserva Extrativista e outras comunidades ribeirinhas que podem ser compartilhadas com as populações indígenas.

Encaminhamentos

- Viagem de avaliação pelo Agrônomo do Yakinõ - focando no princípio na extração do óleo de copaiba
- Promoção de um encontro dos diversos povos e entidades na região do Juruá para discutir as alternativas econômicas e realizar um intercâmbio das experiências bem sucedidas

9.0 Região Média Solimões

O principal produto da região é a Castanha da Amazônia. Uma das aldeias que mais produz é a Marajá, com uma população de aproximadamente 50 famílias. A safra anual entre Janeiro e Março é de 1050 hectolitros = 5000 latas. O castanhal fica perto da aldeia. A comunidade inteira desloca para o castanhal, quebra e lava a castanha no mato e estoca na comunidade num paiol. Transporta da produção é pelo barco da comunidade (25 hp - leva 9 toneladas). Vende a castanha em Alvarães para os atravessadores (Edimundo, Zelmar, Teo, Astride) por um preço em média de R\$5.00 uma lata.

O retorno para a safra é dividido entre as famílias, um ano e no outro ano, doado para a comunidade administrar.

A comunidade está estudando a possibilidade de montar uma mini-usina em Marajá para beneficiar a castanha da própria aldeia e das 5 aldeias vizinhas.

Encaminhamentos

- repassar subsídios sobre a mini-usina de beneficiamento de castanha
- acompanha a elaboração do projeto
- intercâmbio com os membros de Marajá com projeto Xapuri em Acre

10. Região do Alto Rio Negro

Alta Içana - Aldeia Imewã

A aldeia faz parte do projeto de Arte Baniwa coordenado pela organização local - OIIBI. Envolve aproximadamente, 25 artesãs da aldeia produzindo em torno de 50 dúzia de Urutu por mês, vendendo diretamente para TOK STOK em São Paulo. Os artesãos recebem em retorno, R\$ 100/dúzia de urutu. Com a crescente demanda por esse artesanato pelo TOK STOK, esse projeto está ampliando para incluir cada vez mais aldeias Baniwa.

São Gabriel

Associação das Artesãs Indígenas - ASAI trabalha com artesãs indígenas da cidade de São Gabriel. Produzem cesta, tecido, bolsas, quadros, utilizando Tucum, Arumã e Pena. Vendem para as missões, nas feiras, encomendas individuais. O principal problema atual é a escassez de tucum como matéria prima. As artesãs compram fardos de tucum das comunidades indígenas do baixo Içana. Pagam 1 'cabeça' - 1 real. 1 'novelo' 5 - 10 reais. Existe bastante arumã perto de São Gabriel, que as artesãs extraem.

Encaminhamentos

- Elaboração pela associação de um projeto focando na questão do manejo de tucum e melhorar da infra-estrutura da associação
- Contatos com outros povos (Ticuna) para a compra de tucum.

11.0 Região Sateré Mawé

Guaraná

O Projeto Guaraná da CGTSM abrange 37 comunidades no Marau e 29 no Andira. Iniciou se faz 7 anos com a assessoria de ACOPIAMA. Os últimos 2 anos cresceu muito. Em 1999 exportava 5 toneladas de Guaraná e esse ano de 2000 exportava 10 toneladas. A Guaraná esta sendo vendido no Mercado Justo na Itália e França por \$70/kg. O retorno para produtor é R\$15/kg, sendo que o preço no mercado regional para os produtores é de R\$3.

Alem dos retornos para os produtores, esse projeto possibilita apoio financeiro do CGTSM e da AMISM e do Projeto de Coleta de lixo e a Criação de Abelha na área Sateré.

Copaíba

5 aldeias do Rio Andira completaram a primeira etapa com o técnico agrícola do Yakinõ, definindo o potencial de produção e método de exploração. O técnico voltará para acompanhar a extração com trado e repassar o equipamento. Comunidades do Marau já estão solicitando assessoria técnica, e será feita a primeira etapa de conhecimento depois da viagem para Andira.

Artesanato

Existe uma boa produção de artesanato pelo Povo Sateré. Contudo há exploração por regatões e não indígenas da cidade que imite o artesanato indígena. AMISM estimula a produção de artesanato nas aldeias, enfatizando o controle de qualidade. Contudo falta equipamentos básicos que possam ajudar a produção e precisar melhor organizar os artesas e sua produção organizar.

Encaminhamento

- cadastro de artesãs Sateré
- realizar cursinhos nas aldeias para melhorar a qualidade
- colaboração com o Yakinõ para adquirir equipamento para melhorar a qualidade do artesanato
- colaboração com o Yakinõ na definição de novos mercados

12.0 Vale do Javari

Antigamente a economia da região era baseada na exploração de madeira, que nos últimos anos reduziu em função das apreensões pela IBAMA, o estabelecimento da frente de contato e a demarcação da terra indígena. Embora de menor escala, a exploração ilegal da área indígena continua, a madeira saindo do Vale do Javari, sendo registrado como madeira explorado do lado de Peru. Com sua terra em processo de demarcação os índios não exploram mais madeira.

Atualmente existe muita exploração de caça e pesca na região. Caçadores não indígenas e outros indígenas são contratados pelos brancos. Os regatões vêm com camisas, café, açúcar e encomenda caça. Há matança de queixada, anta, pirarucu, bicho de casca. Compram também, couro do Porco do Mato. Vendem em Atalaia e Letícia. Há áreas onde está sumindo totalmente a caça. Controle se complica por ser uma área de fronteira.

No verão, invadem grandes barcos de pesca que exploram bicho de casca. As comunidades denunciam através da Radiofonia, e CIVAJA comunica com a IBAMA, mas raramente as autoridades conseguem prender os depredados.

Existe uma boa produção de artesanato pelos diversos povos do Javari, mas existe também um sistema de exploração dos artesãos Mayoruna. Os artesãos vendem para um preço muito baixo aos atravessadores que depois vendem para os turistas em Letícia - pulseira, zarabatana, arco e flecha, panela de barro, rede, bolsas.

Encaminhamentos

- Encaminhar amostras de artesanato dos Mayoruna, Matis e Marubo para Yakinõ para procurar mercados mais justos
- Futuramente, avaliar o potencial de produção e comercialização de outros produtos, assim como pupunha.
- envolver representantes indígenas no processo de formação de Agentes Ambientais (IBAMA-CPT) para melhor fiscalizar a área.